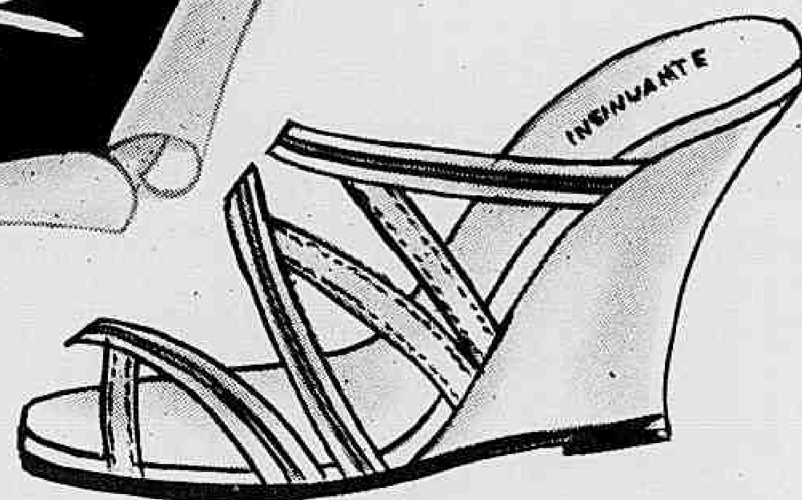
A CENA MUDA

Nº 4 ★ 27-1-54
Cr$ 4,00 em todo o Brasil

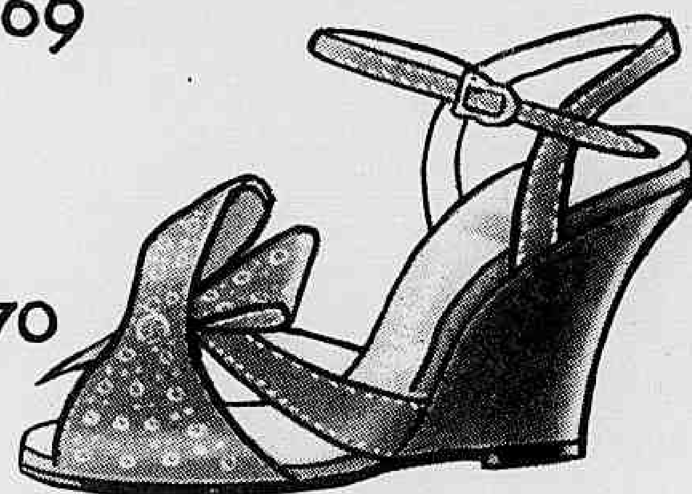
GRATIS





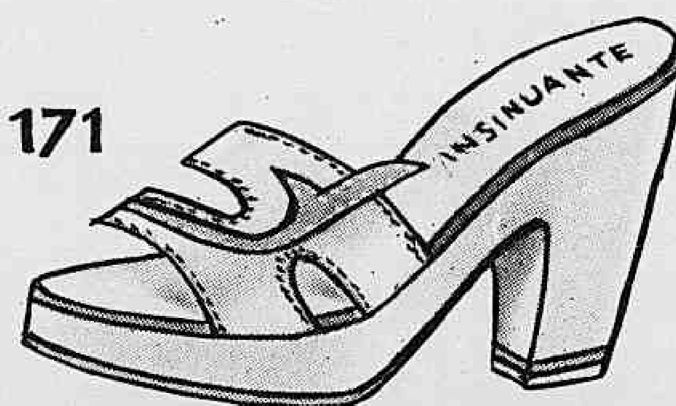


169 Cr$ 200,00 e 250,00 — Respectivamente em uma só côr, (verniz prêto, pelica branca ou vermelha) em pelica branca com guarnições de pelica ouro. Lnidíssimo!... Uma maravilha!...



170 Cr$ 200,00 — Uma verdadeira obra de arte! Camurça branca, pelica côr de sangue ou envernizada. Um verdadeiro encanto!...

171 Cr$ 200,00 — Um tamanco delicado e maravilhoso! Em verniz com guarnições branca e vice-versa. Elegantíssimo!...



insinuante

É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMÉRICA LATINA E É TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO.

AT. SEMOO/.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

Remetemos para todo o Brasil porte por par Cinco cruzeiros. Não fazemos reembolso postal.

A
CENA
MUDA
Fundada em 1921
Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA
AMERICANA

Diretor
Gratuliano Brito

Secretário
Oswaldo de Oliveira

Publicidade
Severino Lopes Guimarães

Desenhista
Gil Ribeiro

CENA nº 4, em 27/1/1954

CINEMA

REPORTAGENS EXCLUSIVAS

Cinema francês de após-guerra 4/ 7
Como surge um «astro» .. 8/10
Galeria dos fantasmas e monstros da tela 12/13
Inaugurado o Primeiro Festival de Cinema 21
George Méliès, o ilusionista 24/25
Roberto Batalin 16

SESSÕES PERMANENTES

Pré-estréias: «A Guerra dos Mundos» 3
Segredos da tela 10
«Ballet»: Moira Shearer, a bailarina cinematográfica 14/16
Cinema brasileiro 17
Novela das imagens: «Candinho» 18/19
Curiosidades e «close-ups». 20
De todo o Mundo 22/23
Rádio 27
Discos-Novidades 27/28
Cartazes em revista 28/29
Teatro-Música 31
Página do leitor 33
Cine-respostas 33

A NOSSA CAPA

ESTHER RALSTON
(«estrêla» da Republic)

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15
Lapa — Rio de Janeiro — Brasil

TELEFONES

Publicidade 22-9570
Redação 22-4447
Gerência 22-8647
Administração e Contabilidade 22-2550
Portaria 22-5602

Endereço Telegráfico: «REViSTA»

EM SAO PAULO

Distribuição e Venda:
A. Zambardino
Rua Capitão Salomão, 69
Telefone: 34-1569

PREÇOS

	Cr$
Número avulso em todo o território nacional	4,00
Número atrasado	4,50
Assinatura anual (52 números)	200,00
Assinatura semestral (26 números)	100,00
Assinatural anual sob registro	230,00
Assinatura semestral sob registro	120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	180,00



PRÉ-ESTRÉIA

4 - A GUERRA DOS MUNDOS

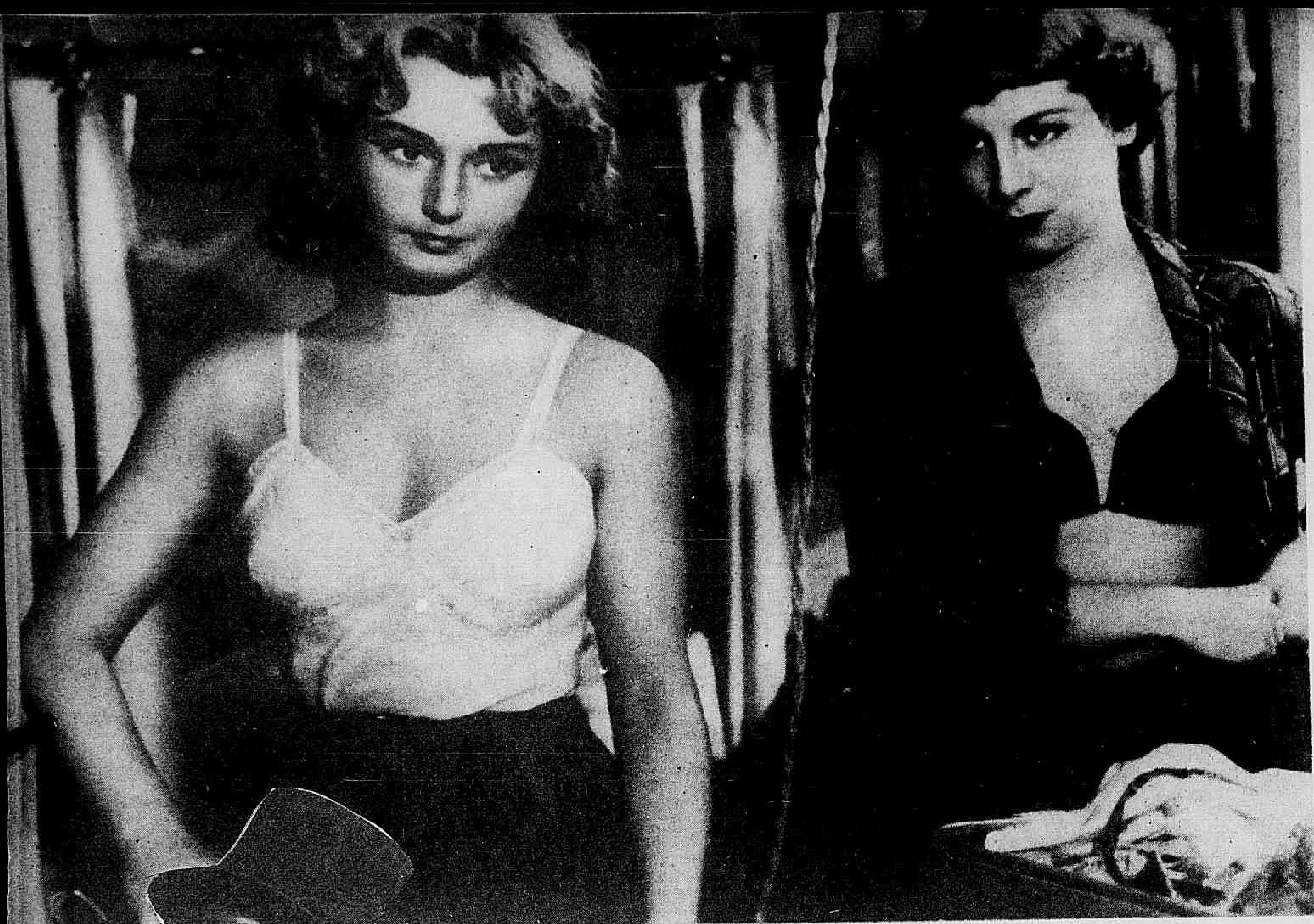
Pela primeira vez, o cinema consegue abordar o tema interplanetário em filme de ótima classe. Inúmeras têm sido as realizações semelhantes e a frustação tem sido freqüente. O mérito do atual começa pelo próprio livro de H.G. Wells. Apesar de o assunto ser fantástico, há um máximo possível de lógica e de inteligência para os acontecimentos. A adaptação, modernizando os fatos, com poucas alterações, em volta da parte intima, logrou manter um impacto absorvente. Algumas circunstâncias foram alteradas, conforme a do romance do filme (aliás bem dispensável) porquanto, no livro, se trata de marido e mulher. Porém, a segurança com que Byron Haskin dirige as imagens forma uma impressionante atmosfera em que o irreal toma o aspecto da realidade, como poucas vêzes o cinema conseguiu no setor da fantasia. A única e ligeira restrição — que não se avulta, graças à classe de Haskin — é a parte humana do "climax". E' admirável tôda a parte do filme em que a invasão da Terra é realizada pelos habitantes de Marte. Prodigios de técnica e ritmo descritivo empolgante estão perfeitamente aliados. Entretanto, quando, perto do epilogo, as emoções passam para a esfera do sentimento — trechos em que o cientista procura a sua eleita, nas igrejas, quando são descritos instantes de fé — já, ai, o adaptador e Haskin não retiram o máximo partido. Apesar do ótimo conjunto, o filme se elevaria muito mais ainda caso, no dominio do espirito algo também se agigantasse, conforme na fôrça da direção, no restante.

Precisamente devido às observações que acabamos de citar. não há extraordinários desempenhos no desenrolar. Apenas correção suficiente a fim de manter a pelicula no plano tão bem traçado por Haskin. Gene Barry não sugere muito o cientista, mas satisfaz. Ann Robinson é uma figura interessante. Os tipos secundários estão bem escolhidos: Les Tremayne (General Mann), Bob Cornthwaite (Dr. Pryor), Sandro Giglio (Dr. Bilderbeck), Lewis Martin (Padre Martin), etc. Notável o tecnicolor de George Barnes, o mesmo ocorrendo com os excepcionais efeitos de trucagem. A música de Leith Stevens acompanha a tensão das imagens. Foi êste mesmo livro de Wells que, quando transposto ao rádio, por Orson Welles, motivou o famoso pânico geral, nos Estados Unidos, com inúmeras mortes.

OSWALDO DE OLIVEIRA

O cientista (Gene Barry) e a sobrinha do sacerdote (Ann Robinson).







Max Ophuls: «Conflitos de amor» (La Ronde)

Julien Duvivier: «Sinfonia de uma cidade».

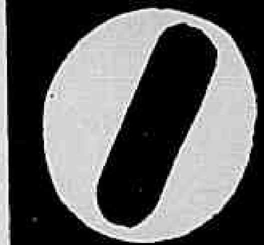
Depois da libertação de Paris, pintada em côres reais, num excelente documentário, a indústria cinematográfica francesa começou seu soerguimento. Mas, durante o terrível inverno de 1944-45, o cinema francês enfrentou a falta de carvão, de eletricidade, de película virgem, junto aos graves problemas da reorganização.

A boa vontade dos que ocupavam postos de comando na indústria, com o sr. Jean Painlevé, de nada valeu. O egoísmo de vários industriais travou o progresso dos trabalhos de reestruturação. Tôdas as obras interessantes exibidas em 1945, datavam dos meses de ocupação. «Espoir», interditada em 1939, e «Zero de conduite», ainda mais antigo, foram finalmente mostrados ao público parisiense.

Já as mais representativas figuras do cinema francês de antes da guerra, e que tinham emigrado durante os anos da ocupação, retornavam à casa. Jacques Feyder regressava depois de uma estada de três anos na Suíça; René Clair, ainda vinculado ao cinema americano, passava uma temporada em Paris, entre dois filmes em Hollywood. Julien Duvivier voltava em caráter definitivo. Apesar dêsse movimento, os filmes de 1945 foram todos sem importância, na forma como nas intenções. Sòmente no ano seguinte é que se recomeçou a ler nos genéricos os nomes de técnicos de reputação firmada, e recomeçaram a surgir películas de alto nível qualitativo.

Os anos de ocupação, durante os quais o cinema francês ficou privado da colaboração de seus mais categorizados diretores, servira para revelar novos talentos. E nada ficavam devendo aos mestres que construíram a reputação da indústria cinematográfica francesa. Enquanto Jean Renoir, René Clair e Julien Duvivier trabalhavam nos Estados Unidos, na França surgiam Jacques Becker, Robert Bresson e Henri-Georges Clouzot.

Becker, antes de «Mãos vermelhas», tinha realizado um filme



CINEMA FRANCÊS de após-guerra

De L. BOLTSHALSER
exclusivo para "A CENA"

— «L'Or du Cristobal» — que não chegou a ser terminado. Sua verdadeira estréia no cinema como diretor foi aquela película, magistral estréia, portanto. Antes fôra assistente de Jean Renoir, mas seu estilo muito se afasta do mestre. Sua obra se caracteriza pela leveza, ao lado da veracidade na pintura dos tipos. São comédias deliciosas, mas de alcance limitado. Em «Antônio e Antonieta» e «Eterna Ilusão» êle trata com sinceridade e bom-humor diversos espécimens da fauna humana. E em seu trabalho mais recente, «Eduardo e Carolina», ao que parece, Becker mantém essa linha. Sua obra constitui um excelente divertimento, sem maiores conseqüências.

Já os trabalhos de André Cayatte têm características opostas. Cayatte, advogado e romancista («Un dur») depois de escrever para o cinema dirigiu lamentáveis musicais com Tino Rossi, e o medíocre «Desonra». Em 1949 realizou, sôbre um cenário de Jacques Prévert, «Os amantes de Verona», misto de poesia e de observação quotidiana. Seu filme seguinte, «O direito de matar», marcou uma revolução de seu estilo. Cayatte deixa de ser o lírico de «Os amantes de Verona», para denunciar, numa obra de forma irrepreensível, as deficiências da justiça humana. Em «Somos todos assassinos» reafirma sua posição de idealista e de cineasta. E não se sabe o que mais admirar, se a honestidade das intenções ou o brilhante estilo do realizador.

Robert Bresson é o artista que não faz concessões e que, na realização de seus filmes, segue fielmente o texto em que se baseia. E sem exibir prodígios de virtuosismo, perfeitamente inúteis, Bresson consegue o máximo de intensidade seguindo a linha cinematográfica mais simples. O Brasil conhece apenas um de seus trabalhos: «Anjos do pecado», que foi precisamente sua estréia de diretor. «O diário de um cura de aldeia», basea-

René Clair: «Entre a mulher e o diabo».



Jean Cocteau: «Orfeu».



O CINEMA FRANCÊS (CONT.)

Em «Os malditos», René Clement aproveitou a exiguidade do espaço de um submarino para atuar funcionalmente, dando ao filme uma atmosfera irrespirável, de angústia e traição naquela área confinada. «Três dias de amor», uma produção franco-italiana, situava uma intriga sentimental nos bairros populares de Gênova, mostrados em tôda sua atroz miséria. E finalmente, coroando a obra de Clement, êsse admirável «Brinquedo proibido», que trata das reações da infância diante da morte, tema incomum, desenvolvido de modo incomum.

Enquanto novos nomes se impunham, o veterano Marcel Carné realizava duas obras-primas, «Os visitantes da noite», e «O boulevard do Crime». A segunda é um verdadeiro monumento, trabalho extraordinário, e que dificilmente será superada, por Carné ou por outro diretor. Seu filme seguinte, «Les portes de la nuit», não veio ao Brasil e também não entusiasmou muito a crítica francesa. Conhecemos do Carné de após-guerra sòmente «Paixão abrasadora», que decepcionou um pouco. «Juliette» está programado para o Festival de São Paulo.

Ao lado de Carné se recolocavam as antigas glórias do cinema francês. René Clair retomou, em 1947, sua posição nos estúdios franceses — abandonada havia dez anos — de forma magistral. Com «O silêncio é de ouro» êle rememorou, deliciosamente, os primeiros anos do cinematógrafo, ao mesmo tempo que fazia voltar à cena tôda a galeria de caricaturas parisienses que êle criara em seus velhos filmes de 1930.



Jean Dellanoy: «Deus necessita de homens».

do no romance de Bernanos é um verdadeiro «tour-de-force». Pois Bresson desprezou tudo que, analisado à-priori, poderia ser mais fàcilmente transposto à tela. Seu filme está cheio de reflexões e constitui, antes da intriga, uma análise do coração humano.

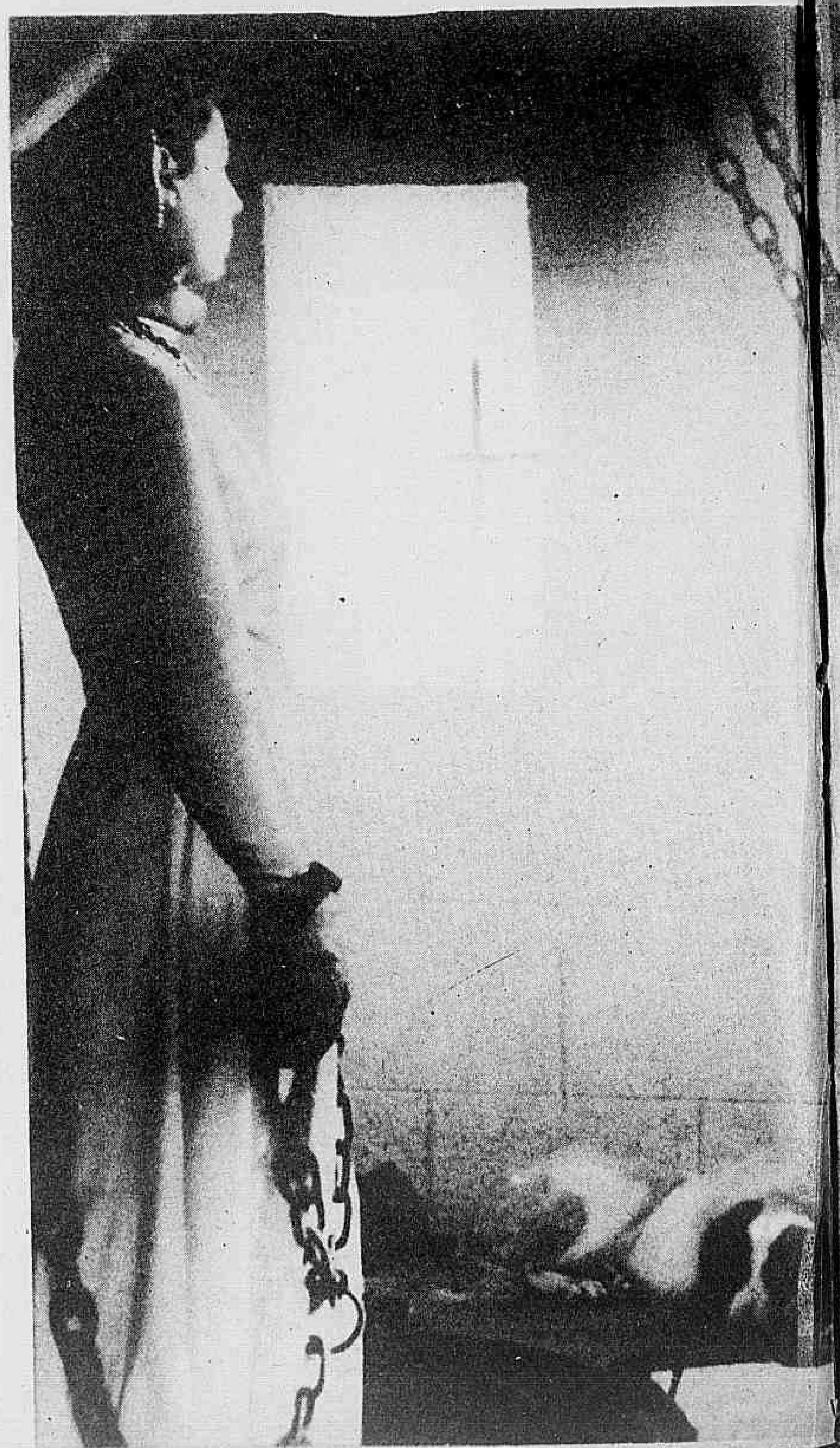
Outra importante revelação de diretor dos anos da guerra foi Henri-Georges Clouzot. Clouzot, que estreara na indústria como cenarista, dirigiu seu primeiro filme em 1942 — «O assassino mora no 21». Adaptação de um romance de Simenon, a película constituiu uma intriga policial bem conduzida, e cheia de bom-humor. «Sombra do pavor», que causou muita especulação em tôrno do nome do realizador, sendo êste acusado de nazista, na época, expunha cruamente as taras e vícios dos habitantes de uma cidadezinha francesa. De volta ao gênero policial, Clouzot realizou de maneira brilhante «Crime em Paris».

«Anjo perverso», o último filme de Clouzot exibido no Brasil («Miquette et sa mère» nunca veio, e provàvelmente, nunca virá até nós), recebeu tôda sorte de qualificativos, bons e maus. Sua Manon século vinte, mantinha-se fiel à obra do abade Prevost, e bem poucos são os defeitos que se lhe podem imputar.

Quanto a Christian-Jacque é, antes de tudo, um cavalheiro zeloso da sua popularidade. E' de fato que em tôda sua vasta e variada obra pode-se apontar como característica comum a inteligência e o estetismo. Mas, por vêzes, Christian-Jacque evidencia um mau gôsto imperdoável, como foi no caso de «Essas mulheres...»

Jean Delannoy tem revelado em seus filmes sua preocupação pelo destino dos homens e as coisas do espírito («A sinfonia pastoral» e «Deus necessita dos homens»). Mas, em algumas vêzes, êle aborda o tema sem firmeza, e não mostra ter chegado as concepções coerentes, a noções claras do que se propõe a expor. Está mais à vontade dirigindo «Encontro com o destino» ou «Rebento selvagem», obras menos ambiciosas, mas que mostram um Delannoy mais seguro.

Com «A batalha dos trilhos» René Clement iniciou com pé direito sua carreira de diretor de filmes de longa metragem. Antes fotografava e montava pequenos filmes, o que constituiu seu aprendizado de cinema. «A batalha dos trilhos» tinha sido planejado como uma curta-metragem, e depois desenvolvido no decorrer das filmagens. Com os documentários, não tinha intriga. Exibia emoção sem artificialismo, e atingia uma intensidade raras vêzes conseguida no cinema.





André Cayatte: «O direito de matar».



Henry Clouzot: «Manon».

Marcel Carné: «Visitantes da noite».



Já em «Entre a mulher e o diabo» não foi tão feliz. Sua versão da obra de Goethe latinizou o Fausto germânico, e expôs o problema do progresso e o papel da ciência na sociedade. O filme tinha grandes momentos e uma excelente interpretação de Michel Simon;. mas a antiga verve de Clair estava ausente das imagens.

Julien Duvivier, um tanto desambientado, realizou «Pânico», que em matéria de «suspense» poderia se comparar ao melhor Hitchcock. Suas obras posteriores, menos brilhantes, eram mais iguais. Recentemente dedicou seu talento a cantar Paris em «Sinfonia de uma cidade», obra hábil e inteligente.

Claude Autant-Lara, depois do sincero «Adúltera», fêz uma verdadeira exibição de estilo, inteligência e finura na adaptação do vaudevile de Feydeau, «Meu Amigo, Amélia e Eu». Trata-se de uma película que resolve brilhantemente todos os problemas do teatro filmado.

Jean Dréville, que antes da guerra já realizara «Maman Colibri», com Huguette Duflos, revelou-se vivaz, narrando em côres pitorescas a história de «Virgem e Pecadora». Sua «Batalha da água pesada», em co-direção com Titus Vibe Muller, constituiu um documento real da última guerra, e excelente, tanto na exatidão com que reconstituiu fatos históricos como na segurança de seu cinema.

Max Ophuls fêz variações em tôrno do amor físico em «Conflitos do amor», um filme conduzido com habilidade e com finura bastante para manter-se dentro de certos limites, apesar do tema em questão. Procurando repetir o êxito de «La Ronde» com «O prazer», Ophlus falhou. No filme havia apenas o valor estético, sem mais.

Jean Cocteau merece um capítulo à parte, por sua longa colaboração ao cinema francês, colaboração que data de 1924, quando o cinema de vanguarda constituia a última moda. Cocteau às vêzes realiza seus cenários; outras, convida diretores, que sob sua supervisão, levarão à tela seus argumentos, ou seja, reescrevem suas histórias com «a caneta custosa do cinematógrafo, e a tinta da luz» como êle diz. Quem deu forma cinematográfica à lenda de Tristão e Isolda em «Além da vida», foi Jean Delannoy. Pierre Billon dirigiu «Entre o amor e o trono»; e René Clement realizou «A bela e a fera». Mas a alma de todos êsses filmes foi realmente Cocteau. «Orfeu», que êle próprio dirigiu, marca sua volta ao tema de «O sangue de um poeta»: a morte e os espelhos.

No domínio da comédia a produção francesa tem sido, de um modo geral, fraca. Fernandel e Bourvil ainda esperam pela oportunidade que merecem. Os maiores sucessos cômicos não são pròpriamente comédias, mas películas de uma finura irônica, que fazem sorrir, sem provocar o riso franco: «Meu amigo, Amélia e eu», «Antônio e Antonieta».

A única comédia de importância e valor que podemos assinalar nesses últimos anos da produção francesa é «O carrossel da esperança», película ainda não estreada nos cinemas do Distrito Federal, mas já exibida numa sessão especial, da Alliance Française, onde tivemos oportunidade de assisti-la. O filme, de uma comicidade sadia e irresistível, exibe uma rara riqueza de invenções cômicas. A ela não falta uma dose de lirismo, nem o toque humano. E Jacques Tati é um comediante completo, criando um tipo da fôrça e sinceridade do vagabundo Carlitos.

(Cont. na pág. 34)





À esquerda, Ann Todd, que, em 1936, fazia um pequeno papel em «Daqui a 100 anos. Ainda no comêço do cinema falado, Viviane Romance (à esquerda) trabalhava em pequenos cabarés, a fim de ter melhor salário de vida...

Como surge um astro ?

Cornel Wilde, antes de ser indicado (por «pistolão» de Merle Oberon) para o papel de Chopin, fazia papéis secundários, inclusive em «Seu último refúgio».



De MARIA LUIZA
(exclusivo para A CENA)

MUITOS são os caminhos que levam ao estrelato, mas grande parte dos ídolos da tela iniciou sua carreira como modestos «estras», galgando degrau por degrau a escada da fama. Para chegar ao tôpo é preciso, antes de tudo, de pertinácia. Poucos têm a sorte de um Mel Ferrer, que começou logo por estrelar « Fronteiras perdidas ». Para a maioria dêles, a oportunidade vem depois de muitos anos de lutas e decepções.

E revendo filmes mais antigos, o fã pode ter a surprêsa de ver seu «astro» ou «estrêla» preferido fazendo simples figuração.

Lon McCallister, ator que gozou de certa popularidade até por volta de 1947, e que se especializou em papéis juvenis, pode ser reconhecido em «Ídolo do público», o velho filme de Errol Flynn, fazendo um «boy» do clube que Jim Corbett (Errol Flynn) freqüentava. Neste papel êle limitava-se a passear diante da câmara repetindo: «Chamando Mr. Corbett... Chamando Mr. Corbett...»

Claire Maffél, a heroína de «Antônio e Antonieta», para seu primeiro papel no cinema, em «Le premier rendez-vous», devia dizer: «Merci». No ano seguinte, em 1942, Claire obteve um papel mais importante. Todo o diálogo que ela teve de decorar foi: «Merci, madame la supérieure». Era uma religiosa em «Ailes blanches».

Helmut Dantine, um simpático alemão que foi, não um ídolo romântico da tela até 1945 (ainda que geralmente desempenhasse o vilão em seus filmes), mas tàmbém um dos famosos « lobos » de Hollywood, começou sua carreira representando um ingênuo imigrante em «Casablanca», película famosa que foi o canto de cisne de um não menos famoso ator alemão, Conrad Veidt.

Num velho filme silencioso francês, «Madame Sans-Gêne», estrelado por Gloria Swanson, pode-se reconhecer, entre os figurantes, três artistas hoje conhecidíssimos: Pierre Brasseur, Jean Tissier e Jean Sablon.

E Guy Rolfe, um dos «astros» de maior renome do cinema inglês atual, fazia um pequeno papel em «O condenado». Era um policial que revistava a casa de Kathleen Ryan à procura de James Mason, e trocava apenas algumas palavras com a «estrêla». Quando alguns anos mais tarde Rolfe tornou a contracenar com Miss Ryan, sua situação tinha melhorado muito: era seu espôso em «Prelúdio à fama» e repartia com ela as honras do estrelato...

A primeira frase que Simone Signoret disse no cinema foi: «A senhora condêssa de Armenise vos espera no salão». Isto em 1941, num filme intitulado «Le prince charmant». E antes de ser Dedée d'Anvers, Mlle. Signoret fêz figuração em diversos filmes, entre os quais «Os visitantes da noite», onde ela aparecia sentada à mesa do banquete nupcial.

Shelley Winters, que hoje é, não apenas uma «estrêla» de sucesso, mas uma excelente atriz, iniciou sua carreira como corista, e foi assim que apareceu em «Aladim e a princesa de Bagdad».



Na sua primeira aparição, Claire Maffei deveria apenas murmurar «Merci, madame la supérieure»... (filme: «Ailes blanches»).

No início do cinema sonoro, Viviane Romance fazia figuração no cinema, para engrossar seus «cachets» do «music-hall». O mesmo acontecia com Ginette Leclerc, que duplicava seu ordenado vendendo «lingerie» às outras figurantes.

Cornel Wilde, antes de seu nome ser sugerido por Merle Oberon para interpretar o Chopin de «À noite sonhamos», desempenhou papéis secundários em vários filmes, notadamente em «Último refúgio» (cujo «astro» era Humphrey Bogart) e «Bodas no gêlo».

Quanto a Peter Lawford, pode ser visto num grupo de fantasiados na cena do carnaval do primeiro episódio de «Os mistérios da vida», estrelado por Betty Field e Robert Cummings.

Jean Marais, em sua primeira aparição cinematográfica, tomava parte em uma briga. O filme intitulava-se «Dans les rues», e o «astro» era Jean-Pierre Aumont. Marais figurou depois em numerosos filmes: «Le scandale», «L'aventurier», «Le bonheur», etc. Também Michèle Morgan iniciou-se modestamente no cinema, até que em 1937 teve seu primeiro papel importante em «Gribouille».

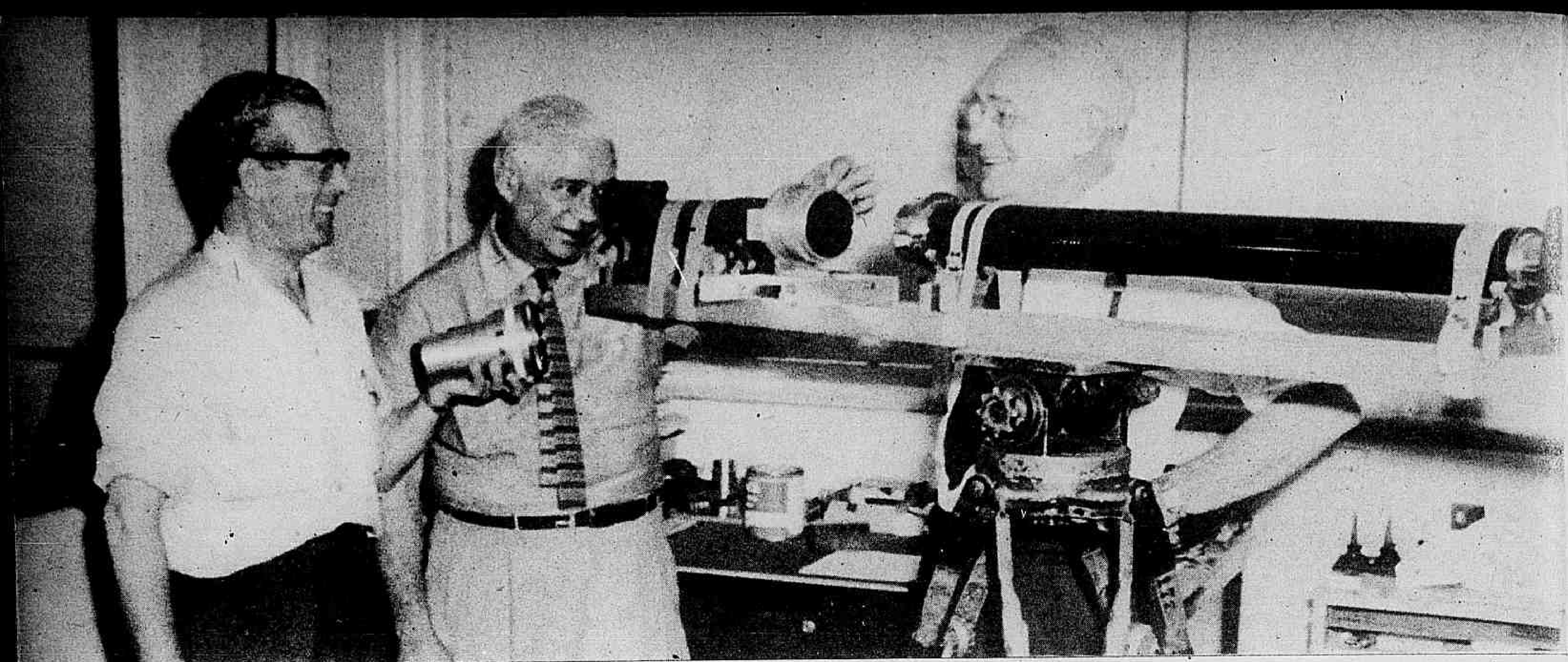
Robert Newton, ator hoje disputadíssimo, fêz uma pequena aparição em «Despedida», velho filme com Vivien Leigh e Conrad Veidt, como um comandante alemão que abordava um navio em busca de um espião. E Marius Goring, o galã de Moira Shearer em «Os sapatinhos vermelhos» e o chefe da Gestapo em «Odette, agente S23», foi o sub-oficial do submarino comandado por Conrad Veidt em «Submarino 29», um filme de 1939. Aí também June Duprez fazia uma pequena aparição, pouco antes de estrelar «O ladrão de Bagdad».

Jacques Tati, hoje um cineasta de renome com apenas os dois filmes que realizou, «Carrossel da esperança» e «Les vaçances de M. Hulot», há menos de dez anos atrás não era mais que o fantasma de «Sylvie». Para êsse papel, Tati não precisou de decorar uma única linha de diálogo. Atualmente dirige e interpreta suas películas, já tendo conquistado vários prêmios e merecidos elogios por elas.

Ann Todd, a primeira dama do cinema britânico, já em 1936 lutava por um lugar ao sol, e pode ser reconhecida num pequeno papel em «Daqui a cem anos», famoso filme de William Cameron Menzies. Em outro filme da mesma época, «O homem que fazia milagres», o brotinho George Sanders fazia a «Indiferença». (Cont. na pág. 31)



Shelley Winters começou, na tela, como corista («Aladim e a princesa de Bagdad»).



Um aparelho telescópio foi adaptado para os experimentos das lentes de imagens anamórficas para o Cinemascope. Daí resulta mais precisão nos resultados. Vêem-se Campbell Forsyth e Grover Laube em uma das fotos colhidas no estúdio da 20th. Century Fox que passará à história desta descoberta.

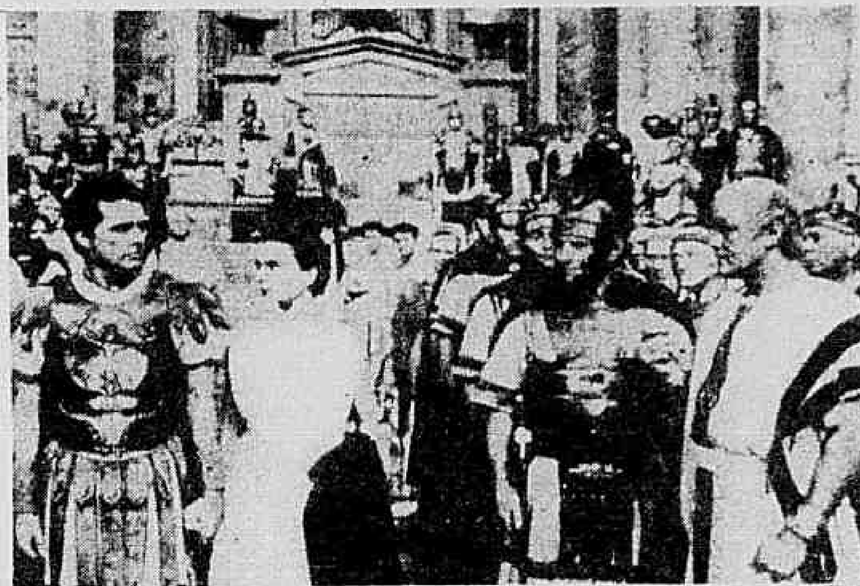
E' exatamente assim, tão comprimida, que resultam as imagens do Cinemascope fixadas no próprio celulóide. Na filmagem é usada uma câmara com lentes especiais que envolvem um raio visual semelhante ao da visão humana. Na página ao lado os leitores observarão a mesma cena quando exibida, através do processo que também é explicado na visinha página, com fotos de «O Manto Sagrado», da Fox.

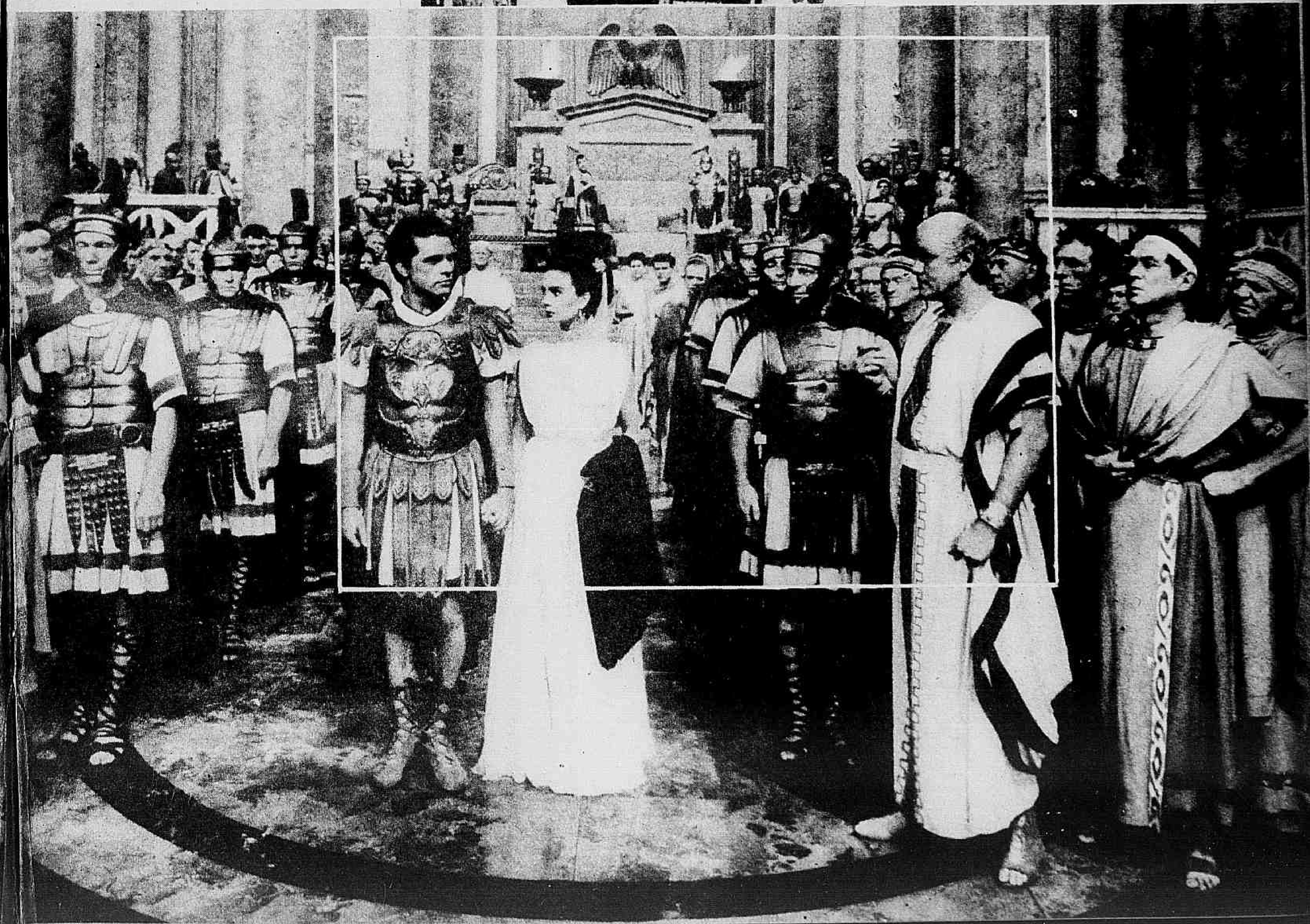


SEGRÊDOS DA TELA

O CINEMASCOPE
por "LONG-SHOT"

Nada como os esclarecimentos por intermédio de fotos para mais rápida compreensão. Comparando as duas grandes fotos, nestas duas páginas, os leitores assimilarão o que seja o Cinemascope. No instante em que são filmadas as cenas, lentes especiais comprimem a imagem para o ângulo ótico do ôlho humano. Na projeção, uma lente especial, anexada ao aparelho amplia a imagem, em tela côncava, de 21 metros de largura. A pequena foto que aí está, ao lado, mostra a imagem normal, sem a utilização do processo do Cinemascope. Imediatamente abaixo, através de pequena lista branca, pode ser comparado, com mais precisão, o aumento do campo visual do novo invento. Convém esclarecer que Cinemascope não é «3-D». Apenas, a perspectiva do campo visual é melhorada bem como o som que, pela gravação estereofônica, é emitido pelo volume relativo à distância e aos movimentos dos intérpretes ambientando, assim, o espectador com o campo de ação.







Nosferatu, o vampiro de Murnau

Galeria dos FANTASMAS e

De L. B. com exclusividade para "A CENA"



Em «Eterna ilusão», Jean Delanoy apresentou bom exemplo para esta galeria.



Lon Chaney, o mais famoso dos monstros da tela, na sua criação de «O corcunda de notre dame»

Não se trata aqui em absoluto de apontar os mais feios, pois não desejamos ferir suscetibilidades de ninguém. Nosso propósito é, apenas, homenagear alguns atores que se especializaram nesse tipo de papéis, alguns dos quais verdadeiramente notáveis, como é o caso de Lon Chaney.

O primeiro fantasma da história do cinema foi, por certo, o de Hamlet pai, nas velhas versões de 1908, E se ignoramos o nome de Hamlet filho da versão em foco, o que dizer do modesto espectro, anônimo, até o do recente filme de Laurence Olivier?

Depois da 1ª Guerra Mundial o cinema alemão descobriu uma fórmula de fantasmas de sucesso. Não eram espíritos, mas sêres extraordinários, de carne e ôsso e mortais, sêres semi-humanos, estigmatizados a vagar nas trevas da noite cometendo atos que «empalideceriam a luz do sol», como dizia Shakespeare. Cesare (Conrad Veidt) o sonâmbulo, foi o primeiro da série, que em meio da noite penetrava no quarto de suas vítimas com seu olhar vazio e seu andar de autômato. Tôda uma galeria de monstros o sucedeu: «Nosferatu» o vampiro de Murnau, cuja frágil existência seria destruída com o canto do galo. Balduino (Conrad Veidt), «O estudante de Praga», aparentemente normal, mas que à noite saía à procura de seu reflexo, da sua alma, que êle perdera nalgum pacto diabólico. Orlac (ainda Conrad Veidt), o pianista que teve as mãos decepadas num acidente, e substituídas num enxêrto pelas mãos de um criminoso. E apesar da repulsa de Orlac, as mãos o compeliam a tôda a sorte de crimes.

O último monstro da série foi «O vampiro de Dusseldorf», que já não era um trânsfugo de lendas medievais, mas um personagem de noticiário policial da atualidade. O filme de Fritz Lang se inspirava na carreira de um criminoso que agiu em Dusseldorf, e que se chamava Peter Keurtel. No papel do matador, Peter Lorre iniciava sua carreira de ator cinematográfico. Com o advento de Hitler encerrou-se a carreira dos fantasmas, que foram banidos das telas alemãs.

O tema, entretanto, seduziu os americanos, e ainda na época do silencioso vamos encontrar diversos exemplos do gênero. A maioria dos filmes americanos se inspira de romances inglêses, já que a tradição inglêsa é rica de histórias dêsse tipo.

O maior ator característico do cinema, o insubstituível Lon Chaney, especializou-se na criação de monstros. Chaney, nascido de pais surdos-mudos, atribui seu extraordinário talento mímico à dificuldade que tinha em comunicar-se com êles. Êsse mestre de caracterização possuía genuíno temperamento dramático, e os filmes em que êle atuou, como os personagens que interpretou, serão sempre lembrados pelos saudosistas. Em «Dr. Sotã» era um gangster com o cérebro traumatizado e que perdera ambas as pernas até os joelhos. Em «O homem miraculoso» êle exibia suas habilidades de contorcionista, fazendo um indivíduo que fingia-se aleijado para esmolar. Como Quasimodo, no «Corcunda de Notre Dame» e «O Fantasma da Ópera» aparecia com uma maquilagem impressionante.

Lon Chaney faleceu em 1930, e o cinema procurou substituí-lo por Boris Karloff. Karloff não possuía o dom de característico de Chaney, nem seu talento de ator. Entretanto sua estréia no cinema em 1931, em «Frankenstein», adaptação do romance de Mary Shelley causou sensação. O sucesso encorajou a Universal a prosseguir a série, nascendo assim tôda uma família Frankenstein, «A noiva de Frankenstein» (1935) e «O filho de Frankenstein» (1939). Além dessa série, Karloff apareceu em todos os filmes onde havia necessidade de um monstro, ou apenas de um homem feio. Sua filmografia é extensa demais para ser citada aqui.

Outra novela inglêsa aproveitada pelo cinema americano foi «O médico e o monstro», de Robert Louis Stevenson, que até hoje teve três versões. O primeiro Mr. Hyde, foi John Barrymore em 1920, ainda no silencioso. Em 1932 Frederic March interpretou novamente o personagem de Stevenson. A última versão, relativamente recente, é da Metro; Spencer Tracy, desta feita, criou o papel principal do filme.

Em 1933, Merian Cooper e Ernest Shoedsack levaram à tela «King Kong», a história de um gorila descomunal, que põe No-



Boris Karloff criou uma inesquecível galeria que partiu de Frankenstein.

MONSTROS da TELA



Peter Lorre, outro decantado dos fantasmas, ao lado de Boris Karloff viveu terrificantes momentos de pavor.

Robert Wiene, Conrad Veidt e Lil Dagover no famoso «O gabinete do dr. Caligari».



Outro instante de «Caligari», um filme de 1919 que ainda impressiona, na época atual.



va York em pânico. O filme é uma antologia de truques fotográficos e uma obra-prima em matéria de «models» (miniaturas). Foi a primeira vez que se usou em cinema um processo conhecido por «transparência», que consiste em projetar o filme em uma tela transparente, por trás dos atores que trabalham em primeiro plano.

Os fantasmas inglêses continuaram entrementes sua promissora carreira no cine americano. Em «O morro dos ventos uivantes», simplificação da obra de Emily Bronte, Merle Oberon foi o mais encantador espectro do cinema. «O Fantasma de Canterville», da Metro, adaptação da obra de Wilde, deu-nos um ótimo Charles Laughton, que fazia um fantasma inglês da maior tradição. Êsses que, mortos num ato de covardia, ficam fadados a assombrar o castelo da família até que a dívida de honra seja saldada.

Foi o que aconteceu ao «Fantasma camarada», filme inglês de René Clair, que, talvez por influência do realizador-autor, era francês na galanteria. Robert Donat, o simpático espectro escocês, que vai parar na América, deliciosamente satirizada por René Clair.

A literatura inglêsa inspirou uma série de filmes procedentes de Hollywood, que gelaram a espinha de muitos espectadores de cinema: «O homem invisível», personagem de H.G. Wells, cuja carreira no cinema iniciou-se em 1933, tendo Claude Rains por protagonista. O homem invisível figurou em um sem número de filmes («A vingança do homem invisível», «A volta do homem invisível»), e foi até aproveitado numa comédia de Abbott e Costello.

Mas o fantasma americano por excelência, irreverente e folgazão, é o interpretado por Constance Bennett e Cary Grant em «Dupla do outro mundo» (Topper). O papel de Topper era desempenhado pelo falecido Roland Young; Topper tinha como que o dom de atrair fantasmas. Êsses personagens, criados por Thorne Smith, foram aproveitados em mais duas comédias: «Ma-

(Cont. na pág. 34)

Shearer

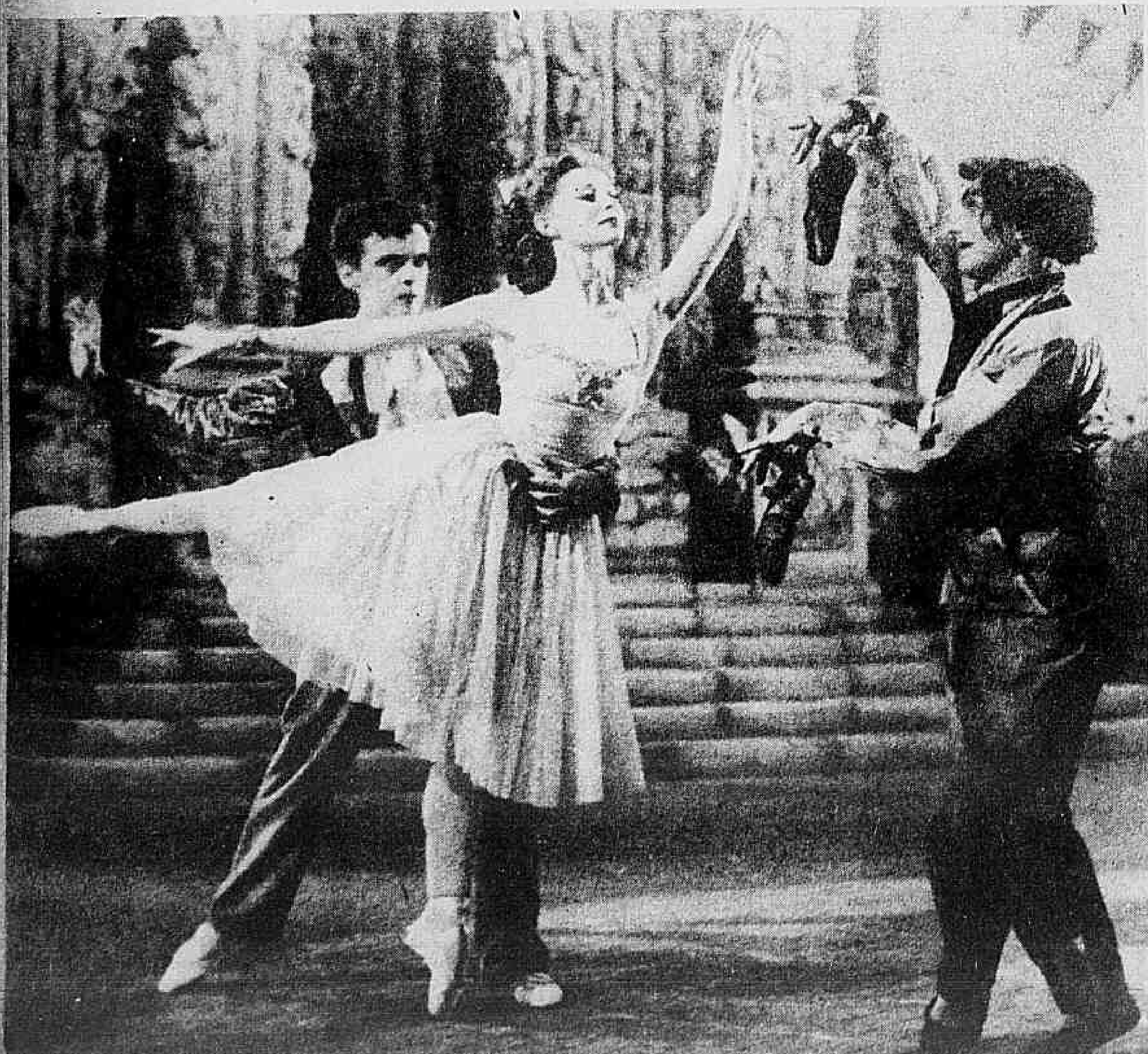
A Bailarina Cinematográfica

De JONALD, exclusivo para «A CENA»



Pessoalmente, Moira Shearer revela tôdas as melhores características da índole britânica. Delicada, suave e discreta. A elegância é expontânea, com aquêle refinamento de simplicidade do povo mais educado do mundo. Cada passo, gesto ou expressão afluem com absoluta naturalidade. Em meio do seu encantamento e do seu contínuo e radioso sorriso deixa, por vêzes, transparecer um toque de nostalgia. No palco, é como se bailasse uma rara silhueta de porcelana. A respeito da sua figurinha de sonho, muitas páginas se poderiam escrever e com justiça. Alia um preciosismo técnico de extraordinário valor. Embora tôdas estas qualidades não tem, entretanto, um exato domínio de palco. Passa, quem sabe, por qualquer complexo quando a sua personalidade se irradia em cena aberta. Inegàvelmente, deixa transparecer uma inexplicável algidez em várias das suas interpretações. Muitos críticos e tratadistas de nomeado estudaram a respeito. Pelo que foi possível observar, durante uma longa série de espetáculos a que assisti em Londres, o caso está filiado a uma questão de temperamento. Opino com aquêles que julgam o melhor dos seus estilos para as tendências modernas do «ballet». Enquanto nesses papéis avultam os seus inegáveis méritos, o contrário sucede com as interpretações dos mais antigos clássicos. Nesse campo esvai-se muito a sua presença em palco, particularmente nos bailados de maior extensão. Segundo as suas próprias declarações, quando da nossa estada em Londres, sempre se sentiu melhor nos papéis que foram especialmente idealizados para o seu estilo. Aliás, assistimos a um dêles, «Cinderella», sem dúvida, uma extraordinária criação.

Com Leonide Massine e Robert Helpmann, em «Os sapatinhos vermelhos»

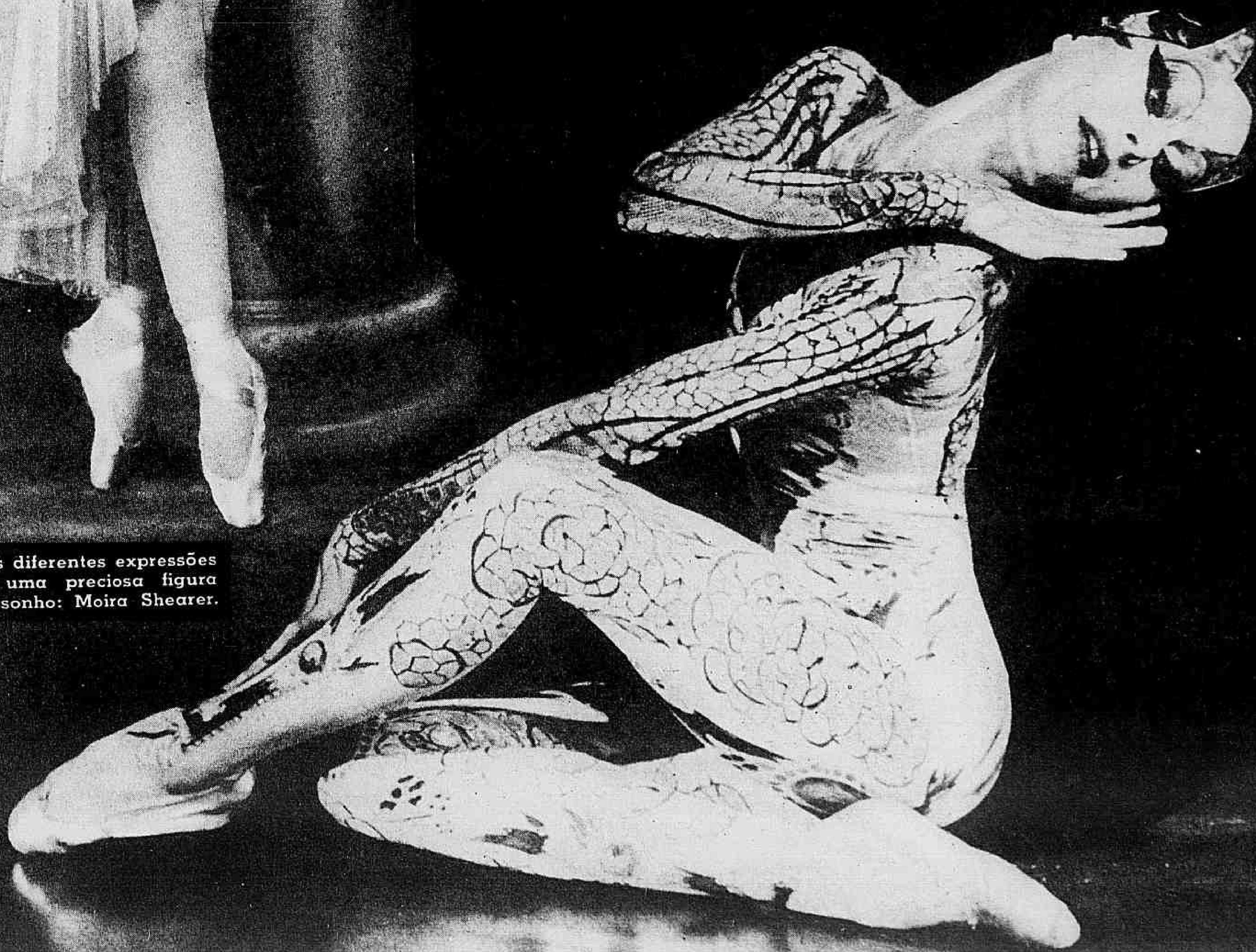


Perante as imagens da tela, Shearer é a bailarina de maior nomeada. Conquistou êste triunfo tanto pela qualidade quanto pelo número das suas várias apresentações. Na coreografia de Robert Helpmann, «Os sapatinhos vermelhos» ou nas de Frederick Ashton em «Contos de Hoffmann», ou ainda, no seu primeiro filme nos Estados Unidos, «A história de três amôres» tem demonstrado ser uma perfeita bailarina cinematográfica. De tal forma impressiona na tela que lembra, pre-

cisamente, a barreira que separa o cinema da arte de Terpsicore. No palco, é mais difícil transmitir a sensação de um uniforme todo, um dos penosos artífices do «ballet». No cinema, embora a coreografia seja filmada aos pedaços, a facilidade de repetição de cenas torna mais fácil o domínio do equilíbrio. No teatro é uma realidade mais sensível enquanto que o cinema tem o auxílio da fantasia para ofuscar um pouco. Sem desmerecer nenhum dos seus trabalhos no cinema — todos preciosos, a maior recordação para as imagens ficou na «A dança da libélula encantada». Aí está, exatamente, o gênero mais adequado para Moira Shearer. Inegàvelmente, é uma antológica seqüência o seu bailado com o saudoso Edmundo Andran, logo no início de «Os Contos de Hoffmann» enquanto que, no palco, «Cinderella» a máxima impressão.

Assim é Moira Shearer: sensível, emocionante em determinados temas e álgida, carecendo de maior expressão para outros. E, em meio de tudo, avulta a figurinha de lenda preciosa, sutil.





Três diferentes expressões de uma preciosa figura de sonho: Moira Shearer.



Cacilda Becker e Gilda Nery, em «Floradas na serra».



Cacilda e Jardel Jercolis Filho, em «Floradas na serra».

Foi assim que se cumprimentaram Cacilda e Jercolis Filho, no dia em que o mesmo chegou aos estúdios da Vera Cruz, para o início de filmagem.



INSTITUTO NACIONAL DE CINEMA

DESDE há algum tempo, fala-se na criação de um órgão governamental cuja finalidade seja a proteção da indústria cinematográfica brasileira. Por muito tempo fêz-se esperar esta lei que agora atinge a sua fase final de elaboração, no Senado. O Instituto Nacional de Cinema, tal é o órgão, será dependente do Ministério da Educação e Cultura. Embora na íntegra nem sempre atenda às reivindicações dos cineastas brasileiros. Há a esperança que os senhores senadores ouçam, antes de enviar a lei à apreciação do presidente da República, as diversas teses e proposições derivadas do Rio e São Paulo, em congressos e manifestações dos órgãos de classe.

Do texto integral do projeto, que se designou pelo número 2383-B (1952), sintetizamos o que segue. Em linhas gerais são atribuições do INC: Fomento à cinematografia brasileira, ao seu desenvolvimento industrial e artístico, tornando-a uma fonte de renda segura, criando alicerces para o emprêgo de capitais. Fiscalização da importação, exportação e distribuição de filmes e matérias-primas indispensáveis ao cinema, tais como drogas necessárias à revelação e maquinário. Censurar e classificar o filme de acôrdo com seu padrão técnico e artístico e não uma censura policial ou política. Fiscalizar a cobrança de uma taxa por metro de película impressa importada.

Estas medidas por si mesmas já são um índice dos altos objetivos do INC. Entre tantas outras que deixamos de citar acima, caberá à esta instituição, a distribuição de prêmios às melhores películas, auxiliar a formação de técnicos pela criação de cursos básicos e bôlsas de estudo; financiar a produção de filmes de curta e longa metragem, assegurar a cobrança de todos os impostos relativos à tôda e qualquer atividade relacionada com cinema desenvolvida no país.

CINEMA BRASILEIRO

De SANIN, exclusivo para A CENA



Roberto Batalin, o entrevistado desta semana, com Fada Santoro.

SETE DIAS EM REVISTA

A semana correu sem maiores novidades. O grande problema continua sem solução: os estúdios paulistas parados. Agrava uma sindicância que será levada a efeito nos livros da Cia. Vera Cruz. Denunciaram-na como fraudulenta. O sr. Franco Zampari abriu em par suas portas para que a polícia com seus técnicos apurasse a verdade. Atitude de quem não tem nada a recear. Na Multifilmes, o sr. Mário Civelli perde o prestígio que desfrutava; responsabilizam-no pelos fracassos sucessivos da mesma. Organizam-se equipes entre os independentes: Salomão Scliar, que realizou há muito «Vento Norte», vai estudar as possibilidades da adaptação à tela de «Negrinho do Pastoreio». Para tanto já entrou em entendimentos com Saul Lachter-Macher e Joaquim Gentil. Em São Paulo é lançado «Sinfonia Amazônia» em apenas oito cinemas enquanto «abacaxis» nacionais e estrangeiros recebem circuitos maiores ou iguais. Um estímulo à mediocridade e à chanchada. Os estúdios do Rio, que têm tido uma atividade satisfatória, estão parados temporàriamente aguardando os «freguezes». «O petróleo é nosso», de Watson Macedo, e «Carnaval em Caxias», de Paulo Vanderlei, foram concluídos e serão lançados brevemente. Os exteriores de «Contrabando», de Mário Latini, foram iniciados. Filme que aborda o problema que lhe serve de título, quase todo filmado no ambiente de Cais do Pôrto. O fotógrafo é Cyrril Arapoff, o mesmo de «O Canto do Mar», filme que foi lançado segunda-feira dia 18, assim como «Rua sem Sol», de Alex Viany. O diretor premiado como melhor argumentista de 1952 fará agora «O Estouro na Praça», musical que abordará a questão do samba. No Estado do Rio, em Nova Iguaçu, consolida-se a Cine Sol, produtora que já realizou dois documentários de atualidades. A companhia pretende executar programas completos constando de um desenho animado e um filme de longa metragem. Para a orientação técnica foi convidado Alberto Shatowsky, crítico e assistente de direção — um dos valores positivos da nova geração. O filme virgem depois de muita luta passa para a 2ª categoria. Se os dólares não escassearem mais ainda, e se o «câmbio negro» não aumentar, teremos brevemente o barateamento de seu preço. O Departamento de Cinema da Federação da Juventude Brasileira promove um debate sôbre o 2º Congresso de Cinema e exibe um filme de René Clair: «La Béauté du Diable». Uma iniciativa louvável. Funda-se a Associação Cultural Sino Brasileira. Para comemorar seria exibido um filme chinês. «A História da Moça de Cabelos Brancos». O público apareceu mas não houve exibição. Lamentàvelmente, pois a película é excelente. Carlos Manga, que dirigiu «Dupla do Barulho», prepara com Alionor Azevedo um argumento; algo que lembrará, talvez, «Nem Sansão nem Dalila».

Mas sobretudo reina a apreensão. Os funcionários dos estúdios em vias de desemprêgo. Apenas uma vaga promessa de solução. As luzes dos refletores apagadas não mantém viva a indústria. Palavras — não é disso que se precisa.

A ENTREVISTA DA SEMANA

ROBERTO BATALIN

DOS jovens atores que trabalham no cinema brasileiro, um dos mais promissores é, sem dúvida, Roberto Batalin. Não se limita êle, como acontece a tantos, a satisfazer-se com a primeira oportunidade julgando-se o «astro» perfeito, o galã realizado, ou o Clark Gable do cinema brasileiro. A prova disto é o seu próximo embarque para a Itália. Empreenderá esta viagem às suas próprias custas a fim de, em Roma, freqüentar as aulas do Centro Experimental de Cinematografia, uma das escolas no mundo mais credenciadas a formar bons atores.

Batalin atuou até o presente em 3 filmes. Nem sempre, porém, seu desempenho tem sido satisfatório. Ator novo que é, os diretores não cuidaram de orientá-lo adequadamente. Com argumentos «geniais» enquadrados na cabeça, o máximo que se pode conseguir é o mínimo do que se exige. Além disso, em geral, não permitem a integração do ator no tipo que deverá criar. Foi descoberto por Salomão Scliar que o lançou em «Vento Norte». Fêz a seguir, sob orientação de Alex Viany, «Agulha no Palheiro»; Santa de Um Louco, de Dusek, onde teve uma atuação incerta e indefinida. Atualmente, em «Contrabando», será o Antônio, um conferente alfandegário às voltas com os «fora-da-lei». Fará depois «Volta ao Mundo», baseado em uma história de Vinícius de Lima, na qual lhe caberá um papel de grande responsabilidade. Êste seria provàvelmente o último filme no Brasil antes de sua ida para a Itália.

Candinh

ELENCO

Ruth de Souza	Manuela
Adoniram Barbosa	Prof. Pancrácio
Benedito Corsi	Pirolito
Xandó Batista	Vicente
Domingos Terras ..	Cel. Quinzinho
Nieta Junqueira	Eponina
Labiby Madi	Hermione
Aires Campos	Delegado
Sidnéia Rossi	Antonieta

FICHA TÉCNICA

História e direção de Abílio Pereira de Almeida — Cenografia, Antônio Gomide — Diretor de fotografia, Edgar Brasil — Chefe de edição, Oswald Haffenrichter - Montagem, Mauro Alice — Engenheiro de som, Erick Rasmussen — Gravações, Ernest Hack — Diretor de produção, Cid Leite da Silva — Música e arranjos musicais de Gabriel Migliore.

GIL RIBEIRO

A NOVELA DAS IMAGENS

O

RESUMO

Da mesma maneira que Moisés, Candinho foi encontrado nas águas. Entretanto, em vez da filha de Faraó, quem o achou foi Manoela (Ruth de Souza) nas águas sujas de um ribeiro na fazenda de Piracema, ao lado de um burrinho, também «bebê». Candinho e o burro foram crescendo naquela fazenda mineira, mas um dia Candinho (Mazzaroppi), um pouco mais inteligente que Policarpo (o burro), convenceu-se de que aquela vida era muito dura. Por qualquer coisa errada lá vinha a pancadaria da parte do «padrinho» (Domingos Terras), dono da fazenda. Nem mesmo os belos olhos de Filoca (Marisa Prado) serviam de confôrto nas horas amargas. Foi assim que Candinho e Policarpo vieram para a cidade de São Paulo.

A capital paulista, aos olhos assustados de Candinho e do pobre Policarpo, a quem o guarda proibiu de andar na calçada, parecia uma Babel até o momento em que Candinho deu seu último níquel a um falso mendigo, que se apresentou como o «professor filósofo» (Adoniram Barbosa), figura de destaque dos velhos tempos de Piracema.

O «professor» esclareceu aos olhos de Candinho e de Policarpo muitos dos mistérios da cidade e terminou servindo de intermediário para um reencontro de Candinho e Filoca, a quem Candinho nunca deixara de amar. Filoca «dera um mau passo» e viera para São Paulo, onde se transformara em «táxi-girls». Candinho não percebe a situação e sua ingenuidade diante de Filoca é tão grande que a conquista. Nessa altura dos acontecimentos, Candinho, Filoca, o «professor» e o burro Policarpo já estão fartos da cidade e saudosos de Piracema. E assim resolvem regressar à terra natal, que com todos os seus defeitos surge a seus olhos como «o paraíso perdido». Além do mais, Candinho tem um plano mirabolante que, pôsto em prática, vai torná-lo milionário!

E foi assim que se casaram Candinho e e Filoca.



Candinho, sempre irrevente e malicioso.





Na corrida em busca de um lugar, pisando tudo e todos.

Curiosidades e "Close-ups"

OS BICHOS NO CINEMA

Por ROVLAND (exclusivo para A CENA)
Ilustrações de GIL RIBEIRO

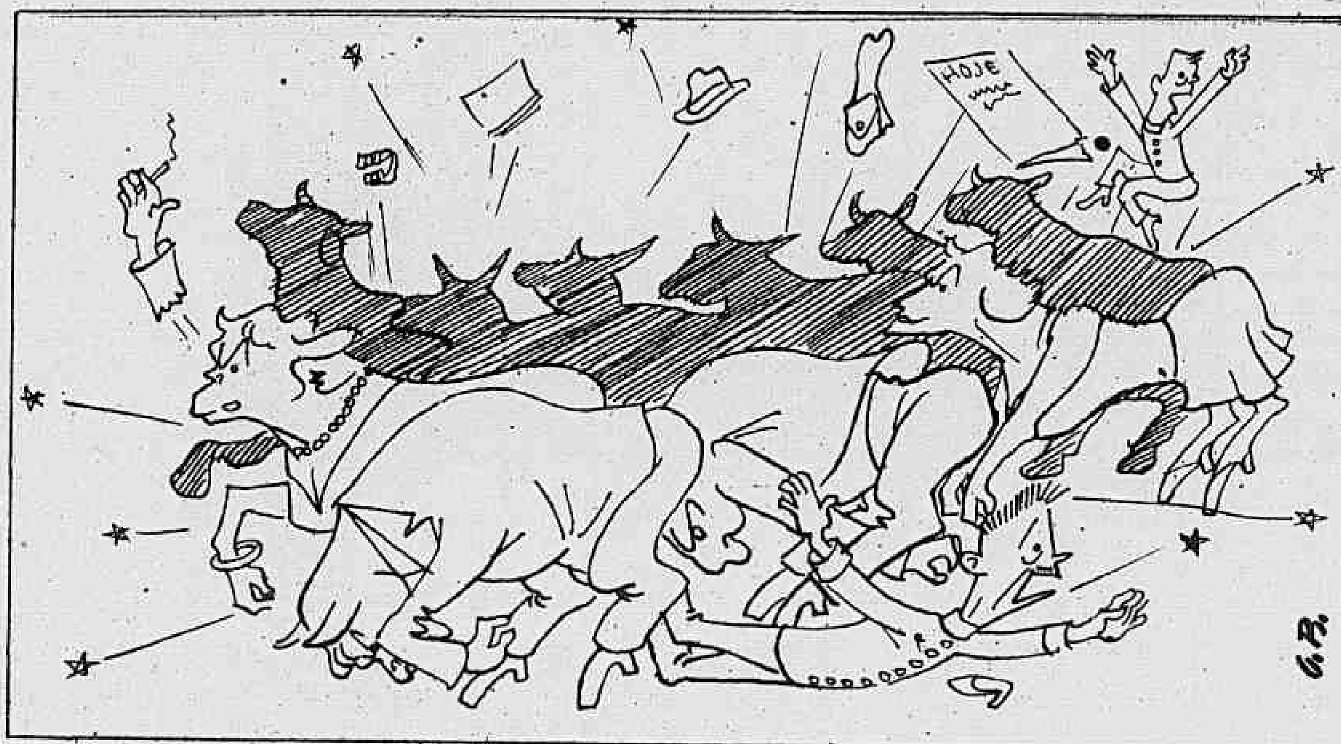
A massa de espectadores de cinema do Rio, julgada coletivamente, apresenta muitos pontos curiosos, satíricos e, até mesmo, decepcionantes. Dizemos do Rio porque, mesmo em outros pontos do país, já não se observam certos hábitos que tanto desabonam. Entretanto, como as presentes páginas são dedicadas ao sentido de crítica irreverente, o assunto terá de ficar mesmo no campo da pilhéria. Como, em geral, muitos caminhos conduzem a um único ponto, vamos figurar uma primeira série de circunstâncias que chocam, no tocante à educação e ao respeito, a fim de enquadrá-las na sátira. Entretanto, através desta figuração, é possível retirar muitas conclusões do que seja um índice cultural.

O fato é que as «CURIOSIDADES E CLOSE-UPS», mesmo em perfis irônicos e silhuetas, pode, também, trazer a sua indireta contribuição ao que se pode denominar o respeito ao próximo.

Em outras palavras: zoològicamente falando uma parte do público pode ser perfeitamente comparada aos sêres irracionais. Vamos passar à prática. Todos sabem o que seja um salão de espera dos nossos grandes cinemas, nos instantes das sessões movimentadas. Pode ser um Palácio, um Vitória, um Metro, um São Luís, em qualquer dia da semana, mês ou ano. O espetáculo é sempre o mesmo: reproduz-se com espantosa freqüência. No momento em que as portas da sala de espera são abertas para o ingresso no recinto de projeção é como se fôra um «ESTOURO DA BOIADA». A ânsia dos melhores lugares, o desejo de passar sempre à perna ao próximo leva, habitualmente, a massa a despencar-se, em avalanche, em fortíssimos empurrões, uns contra os outros. Talvez que, em espaços semelhantes e em seus pousos naturais, os núcleos de irracionais se portem melhores do que os homens. Se esta primeira e triste lembrança forçou o confronto com a «manada» a segunda, que vem à memória, sugere o cavalo de corrida. Sim, porque ninguém ignora o que sucede quando, às escuras, no decurso de uma sessão em que muitos espectadores se encontram de pé, um ou dois lugares se vagam. Imediatamente, tem lugar a avidez dos que, sôfregamente, estão à procura de uma ou duas poltronas vazias. Imediatamente, os infelizes interessados se põe a correr no salão de projeção, de vários pontos diferentes, aos «pinotes», esbarrando em quem quer que seja. E é comuníssimo que, em determinada fila, mas em campos opostos, dois «corredores» passem a buscar a mesma poltrona que, para azar dos que se encontram sentados, se encontra no meio dos dois corredores de páreos. Avançam, furiosamente, pisando os que se encontram sentados, em ritmo animalesco, a fim de ver quem chega primeiro ao assento. E já se têm observado atritos quando, para maior falta de sorte, os dois chegam simultâneamente à poltrona, após pisar tanta gente!...

As manifestações de inferioridade são incontáveis. Criticam-se certos bichos pelo ruído que provocam, a todo o momento, na inconsciência, afinal, da sua espécie. Que dizer, então, dos sêres evoluídos que, se valendo da escuridão, soltam gritos, «trinados», piadas de tôda sorte, inclusive obcenas havendo até, alguns, que levam gaitas, apitos e até mesmo bombas a fim de jogarem na penumbra do salão. Não há muito, os noticiários jornalísticos citaram a ocorrência verificada no cinema Odeon de que, alguém fizera explodir, do balcão para a platéia, ácidos e gases químicos. Como, então, classificar a maldade humana, que desce a baixezas. Aí já nem cabe a sátira ou a honra de serem comparados com bichos...

O «estouro da boiada» ao serem abertas as portas para o salão de cinema...





Inaugurando o 1º Festival Internacional, foram distribuídos os prêmios «Governador do Estado» onde «Terra é sempre terra» foi distinguido: Marisa Prado e Ziembinsky, em uma cena da película.



Outro dos filmes contemplados com prêmios «Governador do Estado» foi «Ângela», com diversos dos integrantes da equipe técnica bem distiguidos.

DE SÃO PAULO:

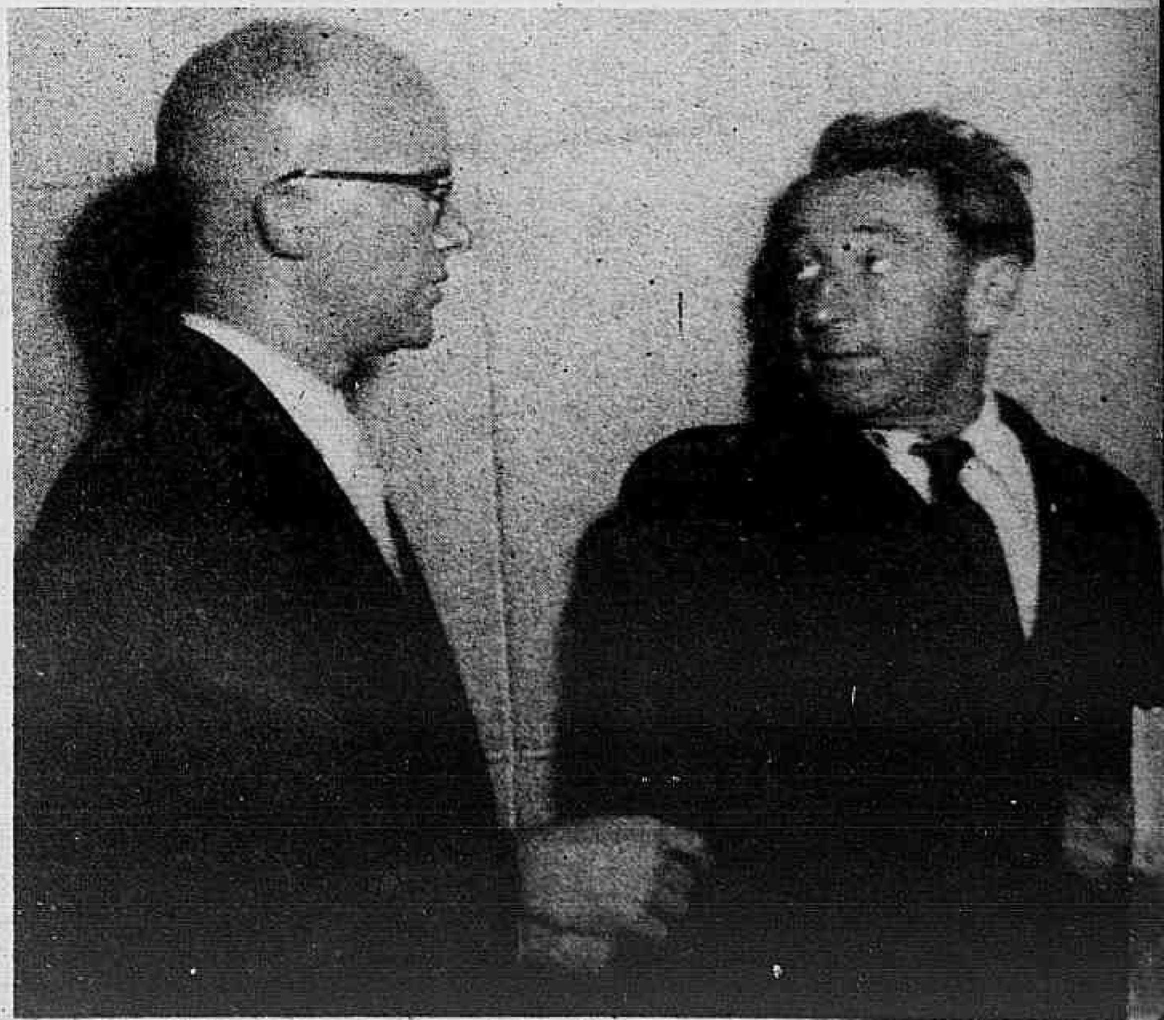
INAUGURADO O 1.o FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA

A 2º RETROSPECTIVA DO CINEMA BRASILEIRO FOI O ATO ESCOLHIDO

TIVERAM início as comemorações do 1º Festival Internacional de Cinema no Brasil. Significado de maior expressão é que esta primeira fase foi dedicada ao cinema pátrio. No Teatro Leopoldo Fróes, realizou-se no dia 25 do corrente a sessão solene de abertura da II Retrospectiva do Cinema Brasileiro, organizada pelo I Festival Internacional de Cinema do Brasil em colaboração com o Museu de Arte Moderna de São Paulo. Na mesma ocasião, por especial deferência do sr. governador do Estado, foram entregues os prêmios «Governador do Estado» de 1952, relativos aos filmes exibidos em 1951. A extraordinária significação dessa data para a história do cinema brasileiro deve ser devidamente ressaltada, em virtude, sobretudo, do alto valor cultural e educativo da retrospectiva, que permitirá, pela primeira vez, ao público de São Paulo, apreciar produções até então desconhecidas das platéias do sul do país, como por exemplo algumas das mais significativas películas do chamado «ciclo de Pernambuco», entre as quais se destacam, quer por seu valor artístico, como por seu valor histórico e documental, «A filha do advogado», «História de uma alma» e «A chegada do Jaú». Não pode passar também desapercebida a circunstância de, na mesma ocasião em que se inaugura a II Retrospectiva do Cinema Brasileiro, serem entregues os prêmios «Governador do Estado», que, como é do conhecimento do público, foram instituídos para laurear as melhores produções, artistas e técnicos do cinema brasileiro:

O programa da sessão de abertura da II Retrospectiva do Cinema Brasileiro no 1º Festival Internacional foi o seguinte: 1 — discurso de instalação, pelo secretário da Comissão Executiva do I Festival Internacional de Cinema do Brasil, sr. Andrade Figueira; 2 — entrega, pelo sr. José Ferreira Keffer, secretário do Govêrno, dos prêmios «Governador do Estado». Os contemplados com essa distinção, em 1952, de acôrdo com o julgamento da Comissão integrada pelos srs. Benedito J. Duarte, Flávio Tambelini e Saulo Guimarães foram os seguintes: Alberto Cavalcânti, pelo alcance de sua contribuição para a recuperação do cinema brasileiro; Oswald Haffenrichter, pelo critério com que se houve na montagem das fitas «Angela» e «Terra é sempre terra»; H. C. Fowle, diretor de fotografia, pela qualidade de sua iluminação na realização das fitas «Angela» e «Terra é sempre terra»; Pierino Massenzi, pela decoração e cenários da fita «Angela»; Marisa Prado, pela sua interpretação em «Terra é sempre terra»; Luciano Salce, pela sua interpretação como ator coadjuvante em «Angela»; Ruth de Souza, pela sua interpretação como coadjuvante em «Angela»; Marcos Marguliés, pela realização do documentário «Os Tiranos», produzido para o Museu de Arte de São Paulo; Lima Barreto, pela realização do documentário «Santuário». Além dêsses, foram conferidos ainda os seguintes diplomas de honra: à fita «Terra é sempre terra» e «Angela», por terem sido contemplados com o prêmio «Governador do Estado» de 1952 os elementos de criação cinematográfica: montagem, fotografia, decoração e interpretação. Na apresentação da II Retrospectiva do Cinema Brasileiro e do seu programa inaugural organizado por Benedito J. Duarte e Caio Scnelby foram projetadas as seguintes fitas: **a)** «O monumento do Ipiranga», curta metragem de Armando Leal Pamplona, produzida em 1921; **b)** «Homenagem a Ruy Barbosa», curta metragem de Armando Leal Pamplona, realizada em 1922; **c)** «São Paulo, sinfonia da metrópole», realização de Rodolfo Rex Lustig e Adalberto Kemeni, produzida em 1928, e **d)** «A metrópole de Anchieta», curta metragem de Benedito J. Duarte, produzida em 1952.

Oswald Haffenrichter, montador dos filmes da Vera Cruz, laureado com um dos prêmios «Governador do Estado», ao lado de Cecil Thiré.



de TODO

SERVIÇOS ESPECIAIS PARA 'A CENA", COORDENAÇÃO DE M.B.



Rosanna Podesta, Anna Maria Ferrero e Marina Vlady divertem-se enquanto descançam das filmagens de «Garôtas de Luxo», da United Artists.

Nos estúdios da Metro, durante a filmagem de «O prisioneiro de Zenda», com Stewart Granger, Jean Simmons, Louis Calhern e outros escutam as piadas de Granger.



POLONIA

As "Jornadas do filme polonês" estão se desenvolvendo em todo o país, com a projeção de vários filmes antigos ou de produção recente, entre os quais "O soldado da vitória", "Varsóvia", "A última etapa", e "Nós o juramos". Tal manifestação se propõe a difundir a melhor produção cinematográfica nacional.

★

Existe no Cinema Polonês um homônimo do cineasta americano Ford, mestre dos "westerns": trata-se de Aleksander Ford. Talentoso, estreou no mundo cinematográfico, num período difícil, entre duas cruentas guerras. Tornou-se desde o início um cineasta de vanguarda, pondo de lado, todos os recursos do melodrama barato, que então procurava agradar aos frequentadores dos cinemas. A sua primeira produção foi um curta metragem intitulado "Pela Manhã". O seu "debut" nascera quase, de discussões entusiasmadas entre estudantes, quando Ford descobriu os pontos de contacto existentes entre as premissas teóricas da pintura e o do cinema. "Pela Manhã" era uma seqüência de fatos simultâneos, na mesma unidade de tempo, que constituiam o despertar de uma cidade. Tema simples e difícil exigira do cineasta grande senso de cinema, uma boa montagem, onde os fatos ocorriam paralelamente, e daí procurar provocar no espectador a sensação de ritmo equilibrado. E' interessante ressaltar que Ford criara a sua primeira obra em meio de grande modicidade, tanto dos meios técnicos como financeiros, lembrando as experiências cinematográficas daquele grande produtor americano que fôra Val Lewton.

Em 1930, Ford realiza um longa metragem, "Mascote", e em 32, "Legião da Rua", que retrata a vida dos pequenos jornaleiros de Varsóvia. Tanto a crítica especializada como o público receberam com entusiasmo esta obra de Ford. Naquela época estava em voga o gênero melodramático, e essa produção que fugia à moda, que nascera de fontes inteiramente originais, provocou aquela acolhida amiga por parte do público. Era um filme de forma pura, e aproveitava todos os recursos que oferecia a câmara de então. Não só na Polônia teve o merecido êxito, mas também em outros países, como na França. Em 34. Ford realizou "Sabra", argumento baseado na vida dos colonos judeus. Em 1935 rodou "O despertar" que relatava o amor de dois sêres, que lutavam com grandes dificuldades financeiras, tornando suas vidas um verdadeiro drama. Seguiram-se sucessivamente "Os homens de Vistula", realizado em colaboração com o cineasta Zazycki, e contava com um grande elenco de atores. Esta película marca a descoberta de novos recursos de direção. Em 39, Wanda Wasilewska escreve "O Caminho jos jovens" e Ford dirige. Em 1948 nova realização de Ford mereceu Medalha de Ouro no Festival de Veneza: "Rua Fronteiriça", filme de longa metragem sôbre o levante do Gueto de Varsóvia. Ao lado de "Última Etapa", de Wanda Jakubewska êste filme contribuiu para tornar o cinema polonês renomado em todo o mundo. "Rua Fronteiriça" foi estreado em 1953 no cinema Alvorada, no Rio de Janeiro. "A Juventude de Chopin", realização de 1952, alcançou grande êxito junto ao público polonês e do estrangeiro. Obteve em Karlovo Vary, o prêmio de melhor filme biográfico. E o talento dêste renomado cineasta foi laureado com o prêmio nacional de primeira categoria de 52. "A Juventude de Chopin" faz um estudo justo da verdadeira personalidade do genial músico, que pela primeira vez não se vê deformada pelos esquemas comercializados dos filmes que pretendem ser biográficos e onde Schubert é igual a Liszt ou Schumann. Possuidora de valorosa equipe, a película através de grandes virtuosismos de câmara, ritmo exterior, realça em imagens a época de lutas em que viveu o grande músico.

o MUNDO

DE MARIA LUIZA, EXCLUSIVO PARA "A CENA"

HOLLYWOOD

Como a maioria dos "astros" em ruptura de contrato, a "estrêla" canina Lassie faz televisão. Ao seu lado trabalha Jess Barker, o quase ex-espôso de Susan Hayward. Seria por acaso com Lassie, que Jess teria aprendido a morder a mão que o alimentava — a de Susan, bem entendido?

Esther Williams, agora que sua filha Susan tem um mês, recomeçou seus exercicios de natação. E ela já mandou fazer um "maillot" para o bebê, pois pretende ensiná-la a nadar o mais cedo possível.

Quando Robert Taylor interpretar "Ben Hur" no ano que vem, é quase certo que êle terá por companheira Ava Gardner, no papel da cortesã Iris. E Barry Sullivan será Messala.

Olivia de Havilland consentirá em interpretar "A bêsta humana" para a Columbia, com a condição de que, para seu companheiro no filme seja escolhido um dos astros que figuram numa lista feita por ela. Entre êsses estão: Marlon Brando, Montgomery Clift, Robert Mitchum, Kirk Douglas e Burt Lancaster. Nenhum dêles está disponível no momento, entretanto.

Virginia Mayo será definitivamente "Helena de Tróia". Na impossibilidade de encontrar uma intérprete mais ideal que Virginia, a Warner decidiu esperar pacientemente o nascimento do seu "baby", e adiar para mais tarde o início das filmagens.

Os musicais continuam em grande voga: entre os mais recentes assinalamos: "I'm from Missouri", de Vincente Minelli, com Danny Kaye e Gene Kelly, uma adaptação de "Hunckleberry Finn", de Mark Twain. E "Torch Song", um tecnicolor que assinala a volta de Joan Crawford as danças e canções!

Da censura de Nova York, têm-se dados interessantes sôbre filmes estrangeiros examinados no segundo semestre de 1953. O número total baixou de pouco o do ano precedente: de 551 a 547. Entre documentários e longas-metragens, americanos e estrangeiros, foram examinados 1383 filmes. Tôdas as indústrias européias diminuiram suas exportações para a América, em relação ao ano passado (Inglaterra: 78 contra 95; França: 39 contra 42; Alemanha: 53 contra 55), com a única exceção da Itália, que remeteu, sòmente nos últimos 6 meses 62 peliculas contra 41 do ano passado.

ITÁLIA

Eis o que respondeu Lucia Bosé a pergunta "Por que vive?":

"Creio que agora não é mais mistério para ninguém. Cheguei ao cinema de um modo inesperado. Um prêmio de beleza deu-me celebridade e contratos. Agora tenho fé no meu trabalho; faço cinema não para fazer cinema, mas para exprimir meu mundo interior. Provàvelmente, se a sorte não me tivesse ajudado, teria continuado por tôda a vida no meu modesto emprêgo, ou — quem sabe? — ter-me-ia sido oferecida qualquer outra feliz oportunidade. De uma coisa, porém, estou certa, que nasci para ser mãe. A vida sem filhos nada significa, e eu quero tê-los. Um dia dêstes casar-me-ei — e, estou certa, com Walter Chiari — e, como tôda a mulher normal dêste mundo, terei que preocupar-me com roupinhas de bebês, papinhas e de mil outras coisas que formam a felicidade e as preocupações de uma mãe. E então, com maior clareza, poderei responder "por que vivo".

Lollobrigida, a proposito das saias curtas

Acêrca do retôrno da moda às saias curtas, propugnado por Christian Dior, aqui estão duas opiniões: Gina Lollobrigida: "No filme "Pão, amor e fantasia", vesti um farrapo de vestido que mal me chegava aos joelhos. Isto não impede que eu seja pelas saias longas. Não demasiado longas, naturalmente. Quanto à abolição do busto, lamento por Dior, mas não seguirei a sua moda. O busto eu não tiro, senão no trabalho... ou em casa,

(Cont. na pág. 31)



De Aleksander Ford: «Juventude de Chopin».



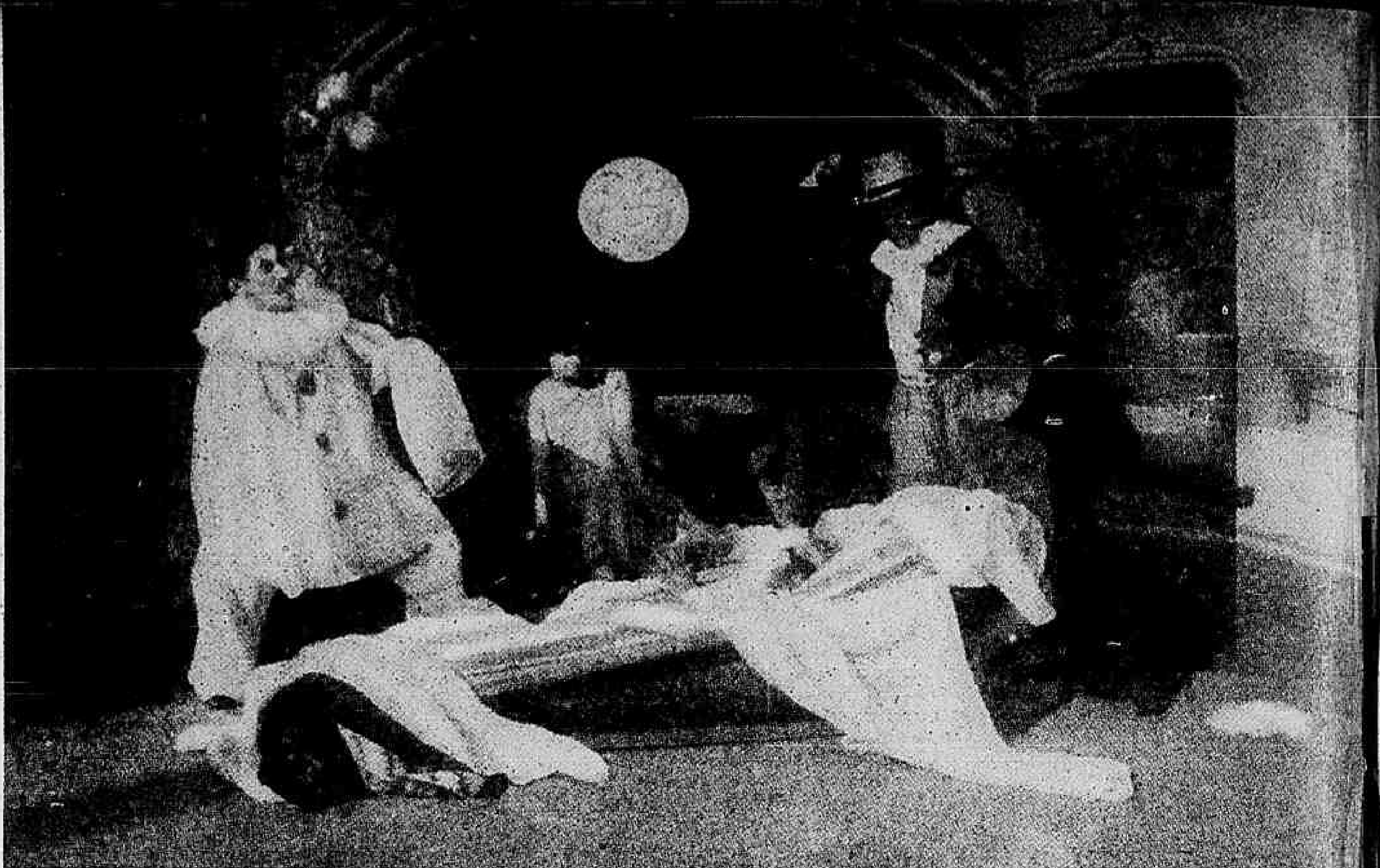
O intérprete da figura de Choppin, Czeslaw Wollejko

A primeira paixão do genial músico, através da figura de A. Slaska, a intérprete de Constancia Gladkowska.



Por HELENA ANDERSEN
(exclusivo para A CENA)

GEORGE MÈLLIÉS, O ILUSIONISTA



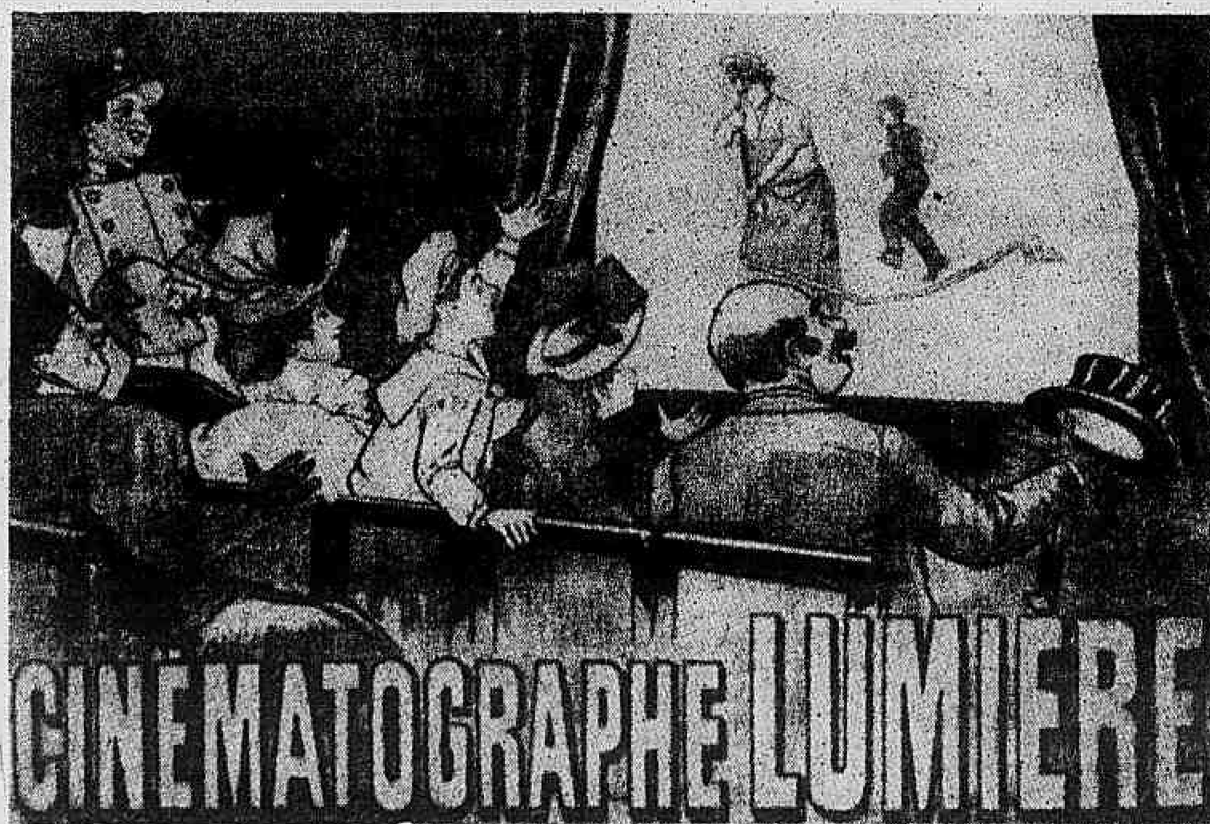
Uma curiosa e ingênua passagem do filme de Méliès de 1897: «Le Cauchemar».

GEORGE Méliès, nascido em 1861, viu assombrado a aurora de uma nova arte, a arte do século XX — o cinema. E a primeira etapa da cinematografia teve como uma das principais figuras George Méliès, misto de prestidigitador e cineasta. Em sua vida Méliès exerceu vários ofícios entre os quais o de mecânico, eletricista, industrial desenhista, jornalista sendo diretor e ilustrador de «La Griffe». Em 1895, quando a curiosidade de alguns se voltava para as sessões do Grand Café, onde pela primeira vez no mundo era apresentado um espetáculo cinematográfico, Méliès também sentiu-se atraído e deixou-se fascinar pelo novo invento. Correu à casa de Lumière e ofereceu tôda a sua fortuna pelo novo invento. Mas Lumière se negou dizendo: «Jovem, meu invento não se vende. E agradeça-me por isto, pois para você seria uma ruína. Poderia ser explorado algum tempo como curiosidade científica, mas fora disto não tem nenhum futuro comercial».

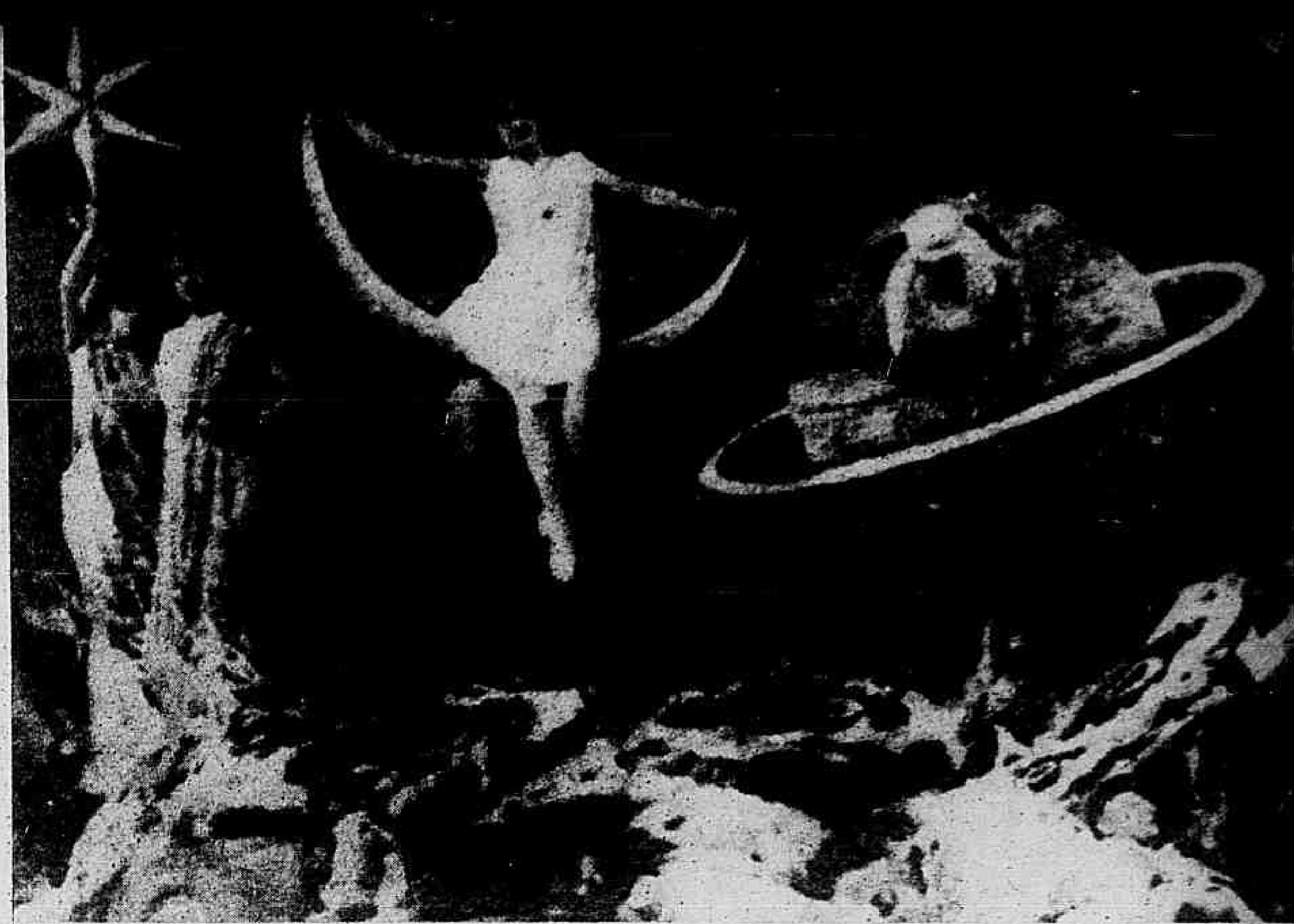
Méliès, homem de cultura universal e fabulosa imaginação, construiu um rudimentar filmador e passou a filmar cenas de rua. Segundo êle próprio, uma ocasião, quando filmava numa praça a máquina com a qual filmava sofreu uma avaria, para retomar pouco depois. Isto bastou para que, quando projetado o filme, a cena mudava repentinamente. Assim, um ônibus transformava-se em coche fúnebre, enquanto as mulheres metamorfoseavam em homens. O acaso trouxera ao cinema um novo truque «tour de manivèle», logo usado por Méliès no «Desaparecimento de uma mulher no Teatro Robert Houdine», quando uma mulher desaparecia à vista de todos. Fôra descoberto um novo mundo de fantasias que Méliès, com a sua habilidade de prestidigitador e as possibilidades materiais de então, transportava para a tela. Méliès com sua fantasia se opunha ao realismo de Lumière. Os seus filmes eram feitos ao ar livre: «A mansão do Diabo», «O binete de Mefistófeles». Os truques de laboratório eram quase todos descobertos por Méliès, e trazia para o espectador o fascínio do fantástico, do sonhado, do impossível. Em 1897, viu-se Méliès obrigado a construir ou improvisar uma decoração, com papelão pintado, pois o cantor Paulus, que o contratara para filmagens de algumas peças de seu repertório, se negara a filmar ao ar livre.

Méliès criara o estúdio cinematográfico, e o primeiro pròpriamente dito foi feito em Montreuil-sous-Bois; com paredes de vidro e luzes artificiais. Em 1908 faz um filme em côres. Com grande poder imaginativo vai criando novos «instrumentos» para a cinematografia como os «fondu», «fondu enchené», os «cachets», as «surimpression» e até mesmo a maquilage, a decoração... Com êste material abriu caminho para a fantasia e como bem diz Zuñiga «Si Julio Verne ha puesto de moda las maravillas del fondo del mar, los viajes al centro de la terra o las excursiones a la Luna, Méliès necesita materializar todas esas fantasias».

De 1894 a 1914, fêz cêrca de 4 mil películas. Seus primeiros filmes eram vendidos e passavam a ser propriedade do exibidor, cada filme custava 60 francos, constituíam «1 peça cinematográfica» e se compunham de 12 filmes de vinte metros cada um. A duração era de 15 minutos. Méliès fêz tôda sorte de filmes: de fantasia, contos infantis, história, obras literárias, atualidades, filmes de propaganda, etc. Em «Os quatrocentos golpes do Diabo», os personagens andam pelo teto. A Aurora e a Ursa Maior lutam nadando, Saturno abandona seu ánel, os diabos saem de um relógio, etc. Das suas películas de propaganda uma das mais interessantes era sem dúvida o anúncio de uma marca de «whisky», com um escocês bebendo numa garrafa, tendo



Uma ilustração da época fixando a platéia, durante a exibição de «L'arroseur arrosé».



«A viagem à lua», de Jules Verne, foi retratada no cinema em 1902, em um filme de Méliès. A ingenuidade da cenografia diz bem sôbre a época em que foi rodado.

diante de si retratos de seus antepassados que estendiam a mão em direção à garrafa. Em seguida os antepassados num passe de mágica, tomavam vida e saíam das molduras disputando o «whisky» do escocês que com êles passa a lutar, até que quebravam a garrafa e voltavam à passividade dentro das molduras. «Cinderela», das películas para crianças, com cêrca de 130 metros, possuía um esquema à guisa de cenário ou roteiro, ao qual Méliès denominava «desenvolvimento artifical das cenas». Compreendia: 1º, Cinderela na cozinha; 2º, a fada; 3º, a transformação do rato; 4º, a abóbora se transforma numa carroça; 5º, baile no palácio do rei; 6º meia-noite; 7º, o dormitório de Cinderela; 8º, a dança dos relógios; 9º, o príncipe e o sapatinho de cristal; 10º, a madrinha de Cinderela; 11º, o príncipe e a Cinderela; 12º, a chegada à Igreja; 13º, a boda; 14º, as irmãs de Cinderela; 15º, o rei; 16º, o cortejo nupcial; 17º, a dança da noiva; 18º, as esferas celestes; 19º, a transformação; 20º, o triunfo de Cinderela. Depois dêste fêz «Chapèuzinho Vermelho» e «Barba Azul».

Na «As Viagens de Guliver», Mèliés emprega novo truque: os personagens fotografados em diversos planos, permitem a ilusão que torna Guliver um gigante no meio dos liliputianos. Algumas dentre as mais custosas películas eram «A conquista do Polo», «Duas mil milhas embaixo do mar», «Viagem à Lua», «As filhas de Belzebu». «No país das fadas» e «Viagem através do impossível» que provocou quase sua ruína. Méliès pretendia filmar a coroação de Eduardo VII, mas não obteve autorização, então contratou um rapaz que se assemelhava ao rei, realizando a coroação no estúdio, que por sinal teve muito êxito na côrte inglêsa. A carcaça do «Maine», repousando no fundo do mar, era outro filme que pretendia interpretar a atualidade. Constituía a primeira vista «submarina», onde existiam peixes e estranhas plantas, e as cenas foram «trucadas» num aquário. No «Pigmaleão e Galatéia» põe em movimento uma estátua graças ao uso do «Fondu». Em «Sonho de Bêbado usa os primeiros «close-up». Méliès com sua espôsa e sua filha são os habituais atores dos filmes. Em «O homem orquestra» faz oito papéis e é ao mesmo tempo violinista, pianista, maestro, etc., faz uso então de dezoito «exposições». No «O caso Dreyfus» Méliès sofre a primeira interdição pela censura, «para que se evitem nos cinemas as lutas entre os pró-Dreyfus e os ante-Dreyfus. No «O judeu errante» o cineasta cria para o cinema a chuva artificial. Também filmou espetáculos de «music-hall», para serem projetados durante os espetáculos do Folies-Bergère, foi então que ficou documentado pelo cinema os impagáveis movimentos de Little Tich, muito conhecido na época. «Os incendiários» era a história de um crime e representava uma execução capital, cujo «realismo» admirou a Deibler, mas a cena foi cortada. Méliès editava os seus filmes em prêto e branco e em côres. As côres eram transparentes e luminosas e ministradas à mão. Para êsse e outros serviços Méliès empregava cêrca de duzentos e vinte operários que trabalhavam no «atelier».

Ao lado da atividade dentro do estúdio, Méliès, após fundar em 1897 a Câmara Sindical Cinematográfica, da qual foi presidente, em 1898 funda a «Star Film», que dominava por completo o mercado francês e em competência com o cinema ianque, instala uma filial em Nova York. A «Star Film» alcançou difusão no mundo inteiro, mas os benefícios colhidos nem sempre eram alcançados pelo próprio Méliès. Em 1904 Gaston, irmão do cineasta, é enviado a Nova York, para tratar dos interêsses da Companhia, mas explorado pelos seus associados americanos e pretendendo fazer cinema com aventuras de Peles Vermelhas, traz efeitos desastrosos para a «Star Film». Em 1923, Méliès perde seu estúdio e o teatro Houdine. Durante vinte anos, êsse gênio inventivo fôra esquecido e com êle tôda sua extensa obra. Em 1928, Druhot o encontra na Gare de Montparnasse vendendo cigarros e doces. Relembrado, foi novamente aplaudido e condecorado, mas isto foi apenas uma efêmera manifestação de entusiasmo.

Em 33, é acolhido num retiro em Orly, graças à influência da Câmara Sindical. Em 1938, a 22 de agôsto, morre Méliès, cuja imaginação e poder inventivo impulsionaram o cinema nos seus primórdios.



O primeiro beijo na tela. O filme de Raff e Gammon provocou escândalo e protesto das autoridades religiosas, particularmente devido ao trecho acima.

Sempre melhorando...

a BANDEIRANTES anuncia:

em

1953

ONDAS CURTAS

25 MTS. 11.925 KLCS.
49 MTS. 6185 KLCS.



em

1954

TELEVISÃO

CANAL 13

RÁDIO BANDEIRANTES

— a mais popular emissora paulista



DISCOS — NOVIDADES

EDEL NEY

Roberto Paiva deixou a Sinter e está em entendimentos com Paulo Tapajós, para fazer um «long play» para a Regente.

★

Duas novas etiquêtas na praça, logo nesse princípio de ano: «Ritmos» (que apresenta discos de carnaval), e «Microdisc» que sairá a venda logo após o reinado de Momo e na qual gravarão, dentre outros, César Galvão, Carlos Roberto e Alventino Cavalcante.



Wilson Roberto que, todos os domingos, apresenta, na Tupi: «Festa na taba».

Dirceu Ezequiel, antigo cronista de discos, assinado, atualmente, a Secção «Discolândia», organizou o primeiro Festival do Disco do Distrito Federal, e, agora, tomou a iniciativa de organizar, êste ano, o 2° Festival. Conta, desde já, com a participação real de nossos verdadeiros cronistas especializados, tais como: Sílvio Túlio Cardoso, Ramalho Neto, Jaime Negreiros, Alberto Rêgo, etc. Por outro lado, todos os publicistas de nossas gravadoras serão convidados para a Comissão Organizadora e Selecionadora. Dirceu que vem respondendo, também, pela divulgação do Hotel Glória e Buate Beguin, foi alvo, há poucos dias, de uma manifestação carinhosa por parte dos seus amigos, em virtude do transcurso de mais um aniversário, no dia 23 passado.

★

A marcha dêsse carnaval, ao que tudo indica, será a «Saca-rôlha», da dupla Zé e Zilda, em sêlo Odeon. A «Piada de Salão», de Black-Out (Victor), também está no páreo, assim como «História da maçã», com Jorge Veiga e «Marcha das flores», com Orlando Silva, gravações essas da Copacabana.

★

Há, ainda, a promessa de nova etiquêta. Esta, porém, dedicada à música clássica teria sido batizada com o nome de «Independência», que achamas inadequado.

★

Roberto Silva apresenta dois fortíssimos sambas para o carnaval, em sêlo Copacabana. São êles: «Minha promessa» e «Não me abandone».

★

«Não meu amor», de Raimundo Olavo, gravado na Sinter pelos Garotos da Lua, é um dos mais bonitos sambas para o carnaval que está à porta.

(Cont. na pág. 34)



Dóris Monteiro com o prêmio que recebeu por «Agulha no palheiro».

Rádio

MARIA HELENA

Bibi Ferreira, a consagrada atriz dos nossos palcos, gravou três discos para a Odeon contendo historietas infantis para as festividades natalinas. Bibi Ferreira narra, acompanhada plea orquestra de Osvaldo Borba, histórias da autoria de Alfredo Ribeiro e Lille Reis, com música de Guari Maciel. As histórias são as seguintes: «O patinho desobediente», «A fada do futuro», «O castelo do mágico Bem», «A rapôsa lograda», «O gavião ambicioso» e «O papagaio invejoso». Éstes discos já se encontram a venda.

★

Waldir Azevedo, o homem de «Delicado», gravou recentemente para a Continental o baião «Tic-Tac» e o chorinho «Queira-me bem». Os discos de Waldir Azevedo sempre encontram boa vendagem e êste não deverá fazer exceção.

★

Yma Sumac, a famosa cantora que possui uma extensão vocal de quatro oitavas, fenômeno único no mundo, vai filmar com Heston e Wendell Corey, «Legend of Incas».

Seguiu para Londres, contratado pela BBC como redator da divisão latino-americana, à jornalista Ramon Lago, figura das mais prestigiosas da imprensa mineira.

★

Neusa Maria, uma das primeiras cantoras a gravar na Sinter, chama-se na realidade Vassiliki Purchio

★

As atividades turfísticas da Rádio Eldorado foram iniciadas dia 23 de janeiro, quando de São Paulo, a ZYZ-22 irradiou as grandes carreiras comemorativas do IV Centenário da terra bandeirante. Na próxima semana a ZYZ-22 estará reportando as carreiras do Hipódromo da Gávea. A equipe de Turfe da Eldorado está assim formada: chefe de equipe: Otávio da Rocha Filho, locutor-imediato: Heraldo Tavares, comentarista: José Henrique Bahia. Todos antigos profissionais, o primeiro vindo de S. Paulo, onde atuou na Rêde Piratininga; o segundo da Rádio Jornal do Brasil, onde comandava as transmissões do estúdio e o terceiro da Rádio Continental, onde granjeou um grande público devido aos seus conhecimentos incontestos.



Ângela Maria, um dos grandes cartazes, em um dos trechos de «Rua sem sol», recém estreado na Cinelândia.

«Gardênia Azul»: Ann Baxter e Raymond Burr

ORIENTAÇÃO CRÍTICA DE **JONALD, L. BOLTSHALSER** E **H. ANDERSEN** ★ EM SÃO PAULO: **C. MAXIMIANO.**

LANÇAMENTOS DO RIO

PRÉ-ESTRÉIA DA SEMANA DE 1 A 7 DE FEVEREIRO

2 1/2 — "ABBOTT E COSTELLO NO PLANÊTA MARTE"

Avançando no tempo, Abbott e Costello andam, agora, pelos espaços celestes, em Marte, ou melhor, em Vênus, onde realmente vão parar. Desta vez foram mais felizes do que na película anterior. A trama já tem graça por si mesma, ao contrário de «Piratas . . .», que se alimentava apenas das piadas (e não tendo nenhuma tão inesperada e boa quanto a da estátua da Liberdade, no final desta). Há comicidade, especialmente na seqüência em que os dois confundem Nova Orleans com Marte, nas evoluções do foguete na cidade, só decaindo nas cenas do palácio. Melhorou o diretor Charles Lamont. Se é a recuperação da dupla que seus admiradores desejavam, êstes ficaram desta vez, mais satisfeitos. Há a inconsistência comum à própria dupla mas sempre é um razoável divertimento. («Go To Mars», Universal-International). Presenciado em S. Paulo por C. M.

PRÉ-ESTRÉIA DA SEMANA DE 25 a 31 DE JANEIRO

1 — "A SERPENTE DO NILO"

Não se pode levar a sério esta versão da história de Cleópatra em que Raymond Burr, bom tipo de vilão, vive Marco Antônio; William Lundigan, ator sóbrio, um certo Lucilius e Rhonda Fleming, com seus belos cabelos ocultos por uma cabeleira negra, vive Cleópatra. E nem se justifica a exploração pelo cinema de hoje, de tal fato histórico. O filme assume às vêzes aspecto de «show» musical: as cortinas que se abrem mostrando Cleópatra a evidente ouverture do espetáculo. Em outras vêzes assume aspecto teatral, (com os três personagens em diálogos romântico-político) e até mesmo de pantomima de circo. Não há um mínimo de veracidade, não obstante as vestimentas e os décores. Tudo é artificial e ridículo. Um filme ruim e além de ruim, anacrônico. Em exibição no Pathé. («Serpente of the Nilo», Columbia). De C. M., em São Paulo.

FILMES EXIBIDOS NA SEMANA DE 18 A 24 DE JANEIRO

4 — "O MARTÍRIO DO SILÊNCIO"

É o drama de um casal que possui uma única filha e descobre que ela traz uma deficiência congênita e irremediável — a surdês. Êsse problema central gera uma situação difícil para o par, outrora feliz. O desenvolvimento do drama, desde a tragédia descoberta da surdês de Mandy, é conseguido através de extraordinária linguagem cinematográfica, e a película se envolve em calor humano. Seguindo uma linha equilibrada, o realizador consegue manter-se fora de qualquer pieguismo. A trama é pura e limpa, cheia de dignidade, é a história da abnegação de muitos que procuram minorar a vida de pequenos sêres que sofrem sob o pêso da surdês. As interpretações são excelentes, desde Mandy Muller, que se coloca entre as inesquecíveis atuações infantis no cinema, até os que compõem o «suporting-cast». Mackendrick é um diretor categorizado, que conta com uma forte equipe, inclusive com a extraordinária fotografia de Slocombe. O filme tem como título original «Crash of Silence», feito no Studio Ealing, estreado no Vitória.

2 1/2 — "A GARDÊNIA AZUL"

Apesar do inteligente roteiro, é comum e bem explorado o assunto dêste filme, de base criminal. É a história de uma jovem que se desorienta após um choque emotivo: causado pelo desprêzo do noivo. Depois de aceitar, por desespêro, a fortuita companhia de um qualquer, inescrupuloso, vem a ser acusada da sua morte. A fórmula, para o epílogo, vem a recair na figura de uma terceira mulher, a eterna e providencial desprezada, e verdadeira autora da morte. E não falta a clássica figura do repórter que acusa a jovem para, depois, se apaixonar pela mesma. Entretanto, além da habilidade no roteiro de Charles Hoffman, que fugiu da convenção, são bons os desempenhos de Ann Baxter e Richard Conte, secundados por Ann Sothern, Raymond Burr e Jeff Donnell. A descrição do epílogo tem a sua originalidade e, por sua vez, conquanto não seja uma total reabilitação, o veterano Fritz Lang conseguiu uma agradável unidade descritiva. São bem narrados os incidentes e, com tôda a velharia do conto, o filme sempre é bem razoável. Título original: «The Blue Gardenia», Warners. Lançado no S. Luís.

2 — "MELODIAS DE OUTRORA"

É um filme espanhol, um «envelhecido» musical, condicionado às características limitadas do cinema da Espanha. O «astro» principal é o conhecido cantor mexicano Jorge Negrete, possuidor de grandes qualidades e muita fama entre os povos de língua castelhana. Tendo falecido recentemente, ainda em 1953, num acidente de aviação, cobriu de luto vários países da América Latina. Gozando de grande popularidade principalmente entre o sexo frágil, Negrete constitui a causa primordial desta estréia, satisfazendo ùnicamente aos apreciadores do gênero e fãs da sua voz.

1 1/2 — "A PANTERA NEGRA"

. . . Ou de como tornar-se, de caçador de patos selvagens, genro de um pirata famoso.

CARTAZES em Revista

Cotações de A CENA (de 0 a 5 pontos): 5 — excepcional; 4 e 4 1/2 — ótimo e admirável; 3 e 3 1/2 — bom e muito bom; 2 e 2 1/2 — sofrível e regular; 1 1/2 — fraco; 1/2 — detestável; e 0 — inqualificável.

A combinação pode parecer disparatada, mas é exatamente esta a evolução por que passa o herói do filme. De resto, tôdas as aventuras da história estão neste nível. Edward Ludwig cenarizou e dirigiu a película de modo a não desmentir a sua reputação de diretor medíocre, firmada com muitos anos de trabalho. John Payne é o herói, e tem a particularidade de enfrentar tôdas as situações, trágicas, cômicas ou românticas, com a mesma expressão, de quem não entende absolutamente nada. Arlene Dahl enfeita o filme. E os excelentes Sir Cedric Hardwicke e Francis Sullivan, como os piratas rivais, aparecem sem oportunidade. Assinalamos ainda um bailado, estilização da dança clássica indiana, que figuraria bem numa revista musical da Broadway, dançando numa ilha em pleno mar das Antilhas. Qual a relação? A menos que os bailarinos tivessem sido raptados, junto com o carregamento de alguma nau vinda do Oriente, para serem vendidos no tão esperado leilão, do filme. Título original: «Caribbean Gold», produção Pine-Thomas para a Paramount, lançado na linha do Plaza.



«Martírio do silêncio», com Phyllis Calvert, Jack Hawkins e Mandy Miller

2 — "O 13º HOMEM"

Futebol, Pampanini, e Walter Chiari . . . e está pronto um filme de Mario Soldati. Uma dose de esporte, outra de erotismo, e a comicidade; a película agradará a gregos e troianos, e a bilheteria está salva. E o filme só se recomenda mesmo aos que apreciam um dêsses três elementos, pois além disso, mais nada. Walter Chiari, com todos seus maneirismos e caretas, satisfaz aos que não exigem muito para rir. Silvana Pampanini, também, já tem seu público certo, apreciador de suas curvas. No mais, o velho recurso dos sósias, o bôbo e o herói, já tão repisado, e ao qual Chiari não acrescenta nada. Título original: «L'ineferrabile 12», distribuição da Art Filmes, estreado no Rivoli.

2 1/2 — "RUA SEM SOL"

Focaliza um aspecto social interessante: a dos sêres mal preparados para vida que, de um momento para outro, se vêm obrigados a enfrentá-la, arcando com inúmeras responsabilidades. A história é fraca, plena de lugares comuns e concessões, onde a cada momento poderia se notar um vestígio do dramalhão mexicano. Salva-se disso por um desenvolvimento aceitável, em ritmo lento, uma dialogação viva, embora por vêzes forçada. A fotografia de Mario Pagés bem contrastada e com enquadramentos felizes. Música do maestro Henrique Gandelman — bonita e funcional, das mais bem feitas que o nosso cinema tem apresentado, sugerem maior autenticidade e atmosfera. Interpretação equilibrada, destacando-se a atriz Glauce Rocha. Alex Viany se está especializando em revelar atrizes e um néo-realismo de feição brasileira. E prova a sua melhoria. A película tècnicamente, apesar de não resistir a uma dissecção profunda, é assistida com interêsse, tem sabor carioca e conteúdo humano.

FILME MENOS CATEGORIZADO

«A BANDEIRA DA DESORDEM» («San Antone», Republic) — Far-west comum. Direção de Joseph Kane. História baseada na novela «Golden Herd». Principais intérpretes: Rod Cameron, Katy Jurado, Forrest Tucker, Arleen Whellan, Harry Carey Jr., Bob Steele, Rodolfo Acosta e Roy Roberts. Lançado no Cine Rex.

LANÇAMENTOS EM SÃO PAULO

SEMANA INICIADA EM 11 DE JANEIRO

Diversos filmes ainda não estreados no Rio, conforme a produção de Stanley Kramer «Oito homens de ferro» ou «Quero-te, meu amor» (com Jean Simmons e Victor Mature) ou «Labaredas do céu» (de Pine Thomas) serão comentadas dentro em breve, assim que sejam marcadas para o Rio. Vejamos os comentários de G. M., inclusive de alguns filmes lançados no Rio no ano anterior não focalizados, entretanto, pelas anteriores orientações desta revista.

«SINFONIA AMAZÔNICA» — Eis o bom resultado de 6 anos de sacrifícios e esforços de um jovem idealista, Anélio Latini Filho. Êle concebeu o argumento, os desenhos, fêz a animação e filmou-os. Portanto, a responsabilidade é tôda sua, e os aplausos vão para a sua pessoa. O esfôrço foi admirável. Cêrca de 500 mil desenhos preparou Latini. O prólogo do espetáculo mostra tôda a atividade dêsse jovem, inspirado no folclore amazonense. A abertura do desenho é a descrição da floresta amazônica, seguindo-se a conhecida lenda do aparecimento da noite, a história do pássaro que se enamorou da lua, constituindo tudo isso a parte mais curiosa e expressiva do desenho. As partes finais já não são tão curiosas, não prejudicando, contudo, o conjunto. Os defeitos de «Sinfonia Amazônica — falta de movimento rítmico — não são graves, e já o fato de termos um desenho animado de longa metragem, com características próprias, tem extraordinária importância.

«BALANÇA, MAS NAO CAI» — «A situação não está boa, não . . .». De fato, isto é um retrocesso de 45 anos (precisamente a sua idade) de cinema nacional. O assunto se prestava para qualquer coisa parecida com sátira política. Mas parece não haver ainda lugar em nosso cinema para tais finuras. A ordem é mesmo a comicidade mais comum, com a piada inofensiva aqui, a maldosa lá adiante, de acôrdo com o baixo nível que atinge às vêzes o programa. A apresentação de tipos grotescos e apalhaçados é da pior forma possível. O elenco apresenta elementos de comprovadas possibilidades, mas sem «chance»: Marlene, Herval Rossano, Sérgio de Oliveira, Mário Lago e A. Fregolente, êstes dos melhores coadjuvantes do cinema nacional. Salva-se, mais intacto, o «primo pobre» Brandão Filho. Um dos mais fortes candidatos ao título de o pior do ano.

OUTRAS APRESENTAÇÕES EM SÃO PAULO

«DE HOMEM PARA HOMEM» — United Artists. Produção Edward Small, direção de Ray Nazarro. Com George Montgomery, Tab Hunter, Helen Westcott e Jack Elam.

«ALEGRE FANTASMA» — Italiano. Apresentação da Art Films. Com Totó e Elli Parvo.

«AVENTURA NO RIO» — Mexicano. Direção de Albert Gout. Com Ninon Sevilla, Vitor Junco e Luis Aldaz. Distribiução da Pelmex.

PERMANÊNCIA EM CARTAZ NA CAPITAL BANDEIRANTE

«CABELEIREIRO DAS ARABIAS» — (4ª semana).
«QUO VADIS» — (4ª semana).
«MULHER DA RUA» — (3ª semana).

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», **«Fonte Vilena»**, «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

★

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.

★

COZINHA DE 1º ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

★

RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Águas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelo telefone nº 20. Até 30 de dezembro 20% de desconto nos preços da tabela. ÁGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Emprêsa de ônibus VIAÇÃO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para São Paulo.



EXCELENTE BAR


AMPLA VARANDA


SALÃO DE REFEIÇÕES





ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

«A VICHY BRASILEIRA»

A V I Õ E S

★ Rio de Janeiro para Poços de Calda — via São Paulo
★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte
(do aeroporto a Águas da Prata
30 minutos de automóvel)

TEATRO—MÚSICA

O. DE OLIVEIRA



Bibi Ferreira gravou três discos para a Odeon, contando histórias infantis. Mais uma atividade para a magnífica atriz dos nossos palcos.

Milton Luís, intérprete de «Sinfonia da favela», peça de Ironides Rodrigues, com músicas de Noel Rosa.



Muito calor nestes dias, proximidade do carnaval. Êxodo dos habitantes do Rio. Tudo coopera para que se mantenham fechados quatro teatros do Rio: Glória, República, João Caetano e Recreio.

●

«Os Artistas Unidos» terminaram a temporada no República. Foram para Minas, onde estão recebendo os entusiásticos aplausos das platéias de Belo Horizonte.

●

Vila-Lôbos, consagrado autor brasileiro, ora nos Estados Unidos, onde realiza uma série de concertos, vem de ser acusado de plágio. Quem o acusa é o herdeiro de Catulo da Paixão Cearense. No tribunal, onde o processo corre os trâmites legais, fêz-se ouvir em audiência uma gravação do «Chorus nº 10» e a opinião de vários professôres ilustres.

●

O Teatro Duse tem programadas para êste ano, entre outras, as seguintes peças: «Cirano de Bergerac», de Edmond Rostand; «Fedra», de Racine; «Vingança de Colombina», de Carlo Goldoni. Os discípulos de Pascoal, que durante muito tempo representaram apenas autores novos brasileiros, voltam-se novamente para os clássicos do teatro.

●

No Teatro Dulcina, a Cia. Dulcina-Odilon apresenta «Os Inocentes», de William Achibald em tradução de R. Magalhães Júnior. Do elenco, além de Dulcina constam: Conchita de Moraes, Terezinha e Birunga.

●

Luci Sales, vencedora do concurso instituído pela «Juventude Musical Brasileira», está realizando uma série de concertos na Europa. A crítica dos países visitados tem recebido seus recitais com muita simpatia.

●

No Teatro Carlos Gomes, vem sendo apresentado um espetáculo de marionetes. O grupo, que se designa «Los Pupi», parece repetir o êxito alcançado pelos «Piccoli di Podreca».

●

Depois de ter sido apresentado nos Estados Unidos, «As Mãos de Eurídice», de autoria de Pedro Bloch, está sendo levada na Espanha com muito êxito. No papel de Gumercindo Tavares o ator Enrique Guitart.

●

Reis e Silva, o tenor que tanto encantou as platéias cariocas, recebeu, no Museu do Teatro Municipal, uma vitrina onde está documentada a vida dêste famoso cantor brasileiro.

COMO SURGE UM ASTRO?

(Continuação da pág. 9)

Richard Burton, que vem sendo saudado como a mais sensacional revelação masculina dos últimos tempos, o «astro» de «Eu te matarei, querida» e de «O manto sagrado», teve uma estréia cinematográfica bastante discreta em «A desconhecida». Nesta película, recentemente exibida entre nós, Burton só aparecia para fazer ausência, pois morria logo. Era o segundo espôso de Phillys Calvert, no filme.

E Marilyn Monroe, a «bomba atômica» da Fox, que vem sendo sempre aperfeiçoada, apareceu em «O segrêdo das jóias» em um pequeno papel onde já revelava sua radioatividade.

E muitos, como os citados, começaram modestamente antes de atingir os píncaros da fama. Enquanto outros, menos afortunados, e por vêzes mais talentosos, permanecem indefinidamente no anonimato, ou ficam limitados a papéis secundários. Mas a fortuna é caprichosa, e para se manter na posição conquistada é preciso sorte. Pois alguns «astros» têm o curso de um meteoro: passam fulgurantes para logo se apagarem e caírem no olvido.

DE TODO O MUNDO

(Continuação da pág. 23)

ainda que as outras mulheres seguirem o conselho do costureiro parisiense".

Eis, textualmente, uma observação técnica, sussurrada por Vittorio de Sica, a um critico cinematográfico de Roma:

"O ator profissional que pode manifestar uma qualquer reação emotiva quando volta as costas à máquina para filmagem, honra muito, extraordinàriamente, a nossa profissão".

Eis o que pensa Vincenzo Cardarelli, o maior poeta italiano de hoje, sôbre Silvana Pampanini:

"... A sua beleza é do tipo florido, opulento, tão caracteristico da raça latina, que tolhe aos espectadores todo e qualquer problema espiritual e impede a minima forma de atividade do espirito critico e raciocinante..."

UNIÃO SOVIÉTICA

Uma formidável noticia propagou-se no ambiente da sétima arte italiana: "A volta de Dom Camilo", o filme mais surpreendente dos últimos tempos, foi adquirido pela Rússia, para ser distribuido pelo "Bureau Central para a Educação do Povo", como exemplo de uma produção humana fomentadora de uma fraternidade universal, nos principais paises da União Soviética. Ao mesmo tempo, Rizzoli, o produtor do filme, foi condecorado em Paris com a "Legião de Honra", por ter contribuido com o seu trabalho para o congraçamento dos povos italianos e francês. "A Volta de Dom Camilo" é interpretado pôr Gino Cervi (O.K. Nero — Outros tempos) e Fernandel.



DO PRÓXIMO NÚMERO EM DIANTE, SEM AUMENTO DE PREÇO, «A CENA» PASSARÁ A TER 10 PÁGINAS EM 2 CÔRES. AGUARDEM, NO PRÓXIMO NÚMERO, FANTASIAS DE CARNAVAL E RESERVE DESDE JÁ O SEU EXEMPLAR.

RHONDA FLEMING
«estrêla» de «A Serpente do Nilo»

PÁGINA DO Leitor

Cine Respostas

direção de «LONG-SHOT»

Semanalmente, «A CENA» publicará na íntegra, as melhores colaborações enviadas. Para maior estímulo, e desde que venham em têrmos, de todos os restantes trabalhos serão aproveitados alguns trechos. Há necessidade de que os originais sejam escritos a máquina (espaço dois) e não excedam de página e meia. Estimula-se o aproveitamento de valores que, eventualmente, poderão pleitear o seu concurso em órgãos da imprensa. Tôda a correspondência da seção deverá ser endereçada a «LONG-SHOT», «Página do Leitor».

"O NOIVO DO MAL"

O tipo naturalmente crônico, pernicioso e que mais afeta o caráter humano, é, e sempre foi, o uso do meio têrmo no que tem de qualificar o paralelo que existe entre o bem e o mal. Aliás, não deixa de manifestar, com pontualíssima exatidão, o espírito atualizado da época. De um modo geral, a evolução, ao passo que deslisa rápida para a perfeição, parece suster apreensiva a mentalidade do homem para não conceber a verdade se o conteúdo foge para o abstracionismo total, citamos a conformidade, ou ainda em úitlma análise, a covardia focada em síntese no mórbido da existência.*"Por que atacá-los?"* Sim por que atacar determinados bibelots, que assintosamente arvoram-se em produtores cinematográficos. Não levam ao menos em conta a dose de responsabilidade que pesa sôbre os ombros do produtor, que além de motivos com sumárias importâncias, como seja *"isto na opinião dêles"* o público, o pagante que patriòticamente paga bem caro a curiosidade, com algumas exceções, é claro, esquecem ainda que na pândega está o nome do Brasil; o escudo da República, o sêlo da censura com a devida especificação: *"boa qualidade"* e ainda *"indústria brasileira"*... que fazer cinema é muito mais difícil do que criticá-lo não há dúvida. Em suma, cometer tantos erros em uma só película não deve ser tão difícil. O sr. George Dusek que tempos atrás nos dera "Noivas do Mal", em "Santa de um Louco" repetiu a dose com uma ridícula e desconexa produção xafurcada no mais destoante roteiro. Um amontoado de cenas e tomadas perdidas no labirinto viciado da improvisada composição, eis aqui um recorde do qual pode se orgulhar o sr. Dusek, padronizar um filme sem ter acertado uma única cena, movimentando um delegado de polícia sôbre cadáveres sem que êste atinasse qualquer providência, matando maridos e não nos permitindo o gostinho do "porquê". Personagens que "davam as caras", e automàticamente desapareciam depois de complicarem o "script", "teriam êles vindo dar uma cubada no espectador", ou estaria o sr. Dusek aproveitando o filme para testes de fotografia, às futuras celebridades das nossas telas? Enfim, tudo pode se esperar dessa decantada indústria brasileira.

Raul Quevedo (Pôrto Alegre)

ERROS NO CINEMA

"O cinema, sem dúvida, é a arte mais popular do mundo. Mas tornou-se uma doutrina complexa. Em nossa época o aperfeiçoamento da sétima arte tem, nos homens, uma plenipotência pessoal. Alguns paises já criaram a sua personalidade, por vêzes, medíocre. Os americanos do norte, têm em Hollywood a sua plenipotência, por ser ela a capital do cinema. Hollywood dentro da maioria de sua atividade é pobre no sentido cinematográfico e social. O personanalismo do americano vem de sua técnica aprimorada. Possuem os mais variados truques e material especializado para filmagens que, para muitos, parece um "quebra cabeças". Nessa técnica aprimorada vemos os mais horripilantes erros, visto principalmente em filmes de classe "c". Tomando, por exemplo, o aventuroso "Ouro dos Piratas" posso acrescentar: o cenário por diversas vêzes foi balançado sem a cena ser refilmada: o diretor, com certeza estava dormindo! O barquinho (de brinquedo) passando entre rochas e ilhotas cheias de palmeiras que não se moviam com o vento, enquanto que as velas do barco sopravam forte...; jacaré na água salgada; pérolas encontradas nos rios; índios mal maquilados, com "pinta" de galãs, não sabem nem segurar numa flecha; homens que ficam debaixo dágua minutos seguidos; os jacarés que têm uma qualidade: só comem os índios, o mocinho passa por êles e... "nem te ligo".

São inumeráveis êsses filmes. Em técnica aperfeiçoada temos o "Rio da Aventura", "As Minas do Rei Salomão" e outros que bem merecem a classe que os americanos têm.

O italiano é cativado pelo realismo, interpretações majestosas, vividas nas histórias com muito realismo. Filmes de real valor como "Amanhã será tarde demais", êste tratando da educação sexual que os pais ensinam aos filhos erradamente. "Vítimas da Tormenta", "Europa Ano 0", "Roma Cidade Aberta", todos abrangendo histórias da vida real, películas que podem ter os seus erros mas são superados pelo lado bom do filme. O francês como o italiano, é realista, parecendo para muitos imoral. O inglês está bem aperfeiçoado técnica e representativamente bem. Ainda o sueco, o brasileiro (graças à Vera Cruz) e outros que ainda não se firmaram no cinema mundial. O México tem os seus bons filmes. Mas a sua personalidade é bem conhecida. A história do filme é assim: "Um cabaré, o principal; uma rumbeira, quando não uma moça direita!!! Perseguida por bandidos "tarados", outro de cara feia, às vêzes bonzinho; um revólver; uma bolada de dinheiro; o doutor que ajuda a mocinha; um hospital ou manicômio; a polícia; e mais, pernas, beijos, rumbas, congas horrorosas. Estilo bem conhecido.

Agora é a febre da Terceira Dimensão que veio salvar o cinema das garras da Televisão — assim dizem — mas julgo pouco lógico, veremos. Tudo isto é o cinema, que nasceu para dar a muitos profissão, dinheiro, fama, demonstrar os talentos e os despóticos".

Marien Calixte (Vitória).

"REALIDADE DO CINEMA NACIONAL"

E' com justo orgulho que hoje assistimos aos filmes nacionais.

Rememorando alguns anos passados, vemos que aos filmes daqueles tempos, faltava tudo o que a 7ª arte exige.

A falta de sincronização, a péssima fotografia, a má qualidade das histórias, e sem dúvida alguma a maior inimiga da perfeição: a improvisação.

Se tivemos alguns filmes que alcançaram sucesso, devemos levar em conta que isso coube ùnicamente aos mais cuidados, que despertaram a atenção do público, pois era rara a exibição de uma película brasileira em nossas telas e quando isso acontecia, todos saiam maldizendo o tempo esperdiçado.

Felizmente suplantamos essas dificuldades. Em todos os setores o progresso é patente.

(Cont. na pág. 34)

CINE-RESPOSTA

Tôda a correspondência para esta secção deverá ser endereçada para ROVLAND.

REINALDO IVO DAUDT (Pôrto Alegre) — Grato pelos cumprimentos de Ano Novo. O seu nome não foi incluído na relação publicada na A CENA porque a sua carta chegou atrasada. Tem razão quanto à época de mudança do formato mas, voz geral, agradou. Aguardo a colaboração sôbre o Teatro Amador. Creio que foi solucionada a sua observação sôbre as legendas.

VALTER MARTINS — A CENA agradece e aguarda as novas impressões, a partir do presente número.

CARLOS SANTOS PINTO — A CENA agradece. Como vê, o seu pedido sôbre as críticas já havia sido atendido e, de maneira completa, conforme poderá compreender com o presente e o próximo número, abrangendo São Paulo e outras cidades. As fotos na capa dos artistas brasileiros que solicita depende de material inédito. Em nosso meio, os atores ainda não compreenderam bem o assunto, razão porque, por falta de material, é um pouco difícil atender aos pedidos.

VANI MASCHIO — Nem sempre é possível fornecer endereços particulares. Entretanto, tivemos o trabalho de consultar a pessoa que pediu. Ela autorizou-me a esclarecer que é rua Almirante Alexandrino 622, apartamento 1. Grato pelas impressões da nova A CENA.

BRAGA FONSECA (Caxambu) — Grato pelas várias atenções da sua carta. Conforme poderá ter reparado, acredito que a atual CENA esteja melhorando, de número para número, com a inclusão de muitas secções novas e curiosas. Quanto ao retrato, não o encontrei nas pastas deixadas pelo antecessor na revista. Aguardo novas impressões.

SALOMÃO DE FREITAS (Passos) — As mesmas palavras escritas acima, para Reinaldo Ivo Daudt.

NOBERTO NARDOU (Teatro Folies) — Grato e as mesmas palavras de Reinaldo Ivo, acima.

OTÁVIO EVARISTO (São Paulo) — A secção «Um lugar ao sol» já havia sido extinta, antes mesmo de O. Oliveira ter assumido a orientação. Por êste motivo, não é possível atender ao pedido.

ALBERTO DE OLIVEIRA (Trio Luzo) — Entregamos o seu pedido ao sr. Edel Nei, encarregado da secção de «Discos-Novidades».

EULINA F. DE OLIVEIRA (Três Rios) —Grato pelas atenções. Esperamos as novas impressões e aguarde a entrevista com a sua predileta.

HERNANI DE MATOS (São Paulo) — Parabéns pelas suas propostas, com a Warners. Muito êxito e grato pelos cumprimentos de Ano Novo.

"AMARALINA"





(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)

Já se encontra a venda em tôdas as farmácias, drogarias e perfumarias. Se, entretanto, não existe na cidade, não perca tempo, pedindo imediatamente pelo Reembôlso Postal — O preço de "AMARALINA" é, em qualquer parte do Brasil, de Cr$ 35,00 e pelo Reembôlso Postal custa Cr$ 45,00, livre de porte.

"AMARALINA", certeza absoluta de que os cabelos tornarão a nascer. Na paralisação da queda de cabelos é francamente extraordinário êste produto descoberto por brasileiro e fabricado com erva nacional. Centenas de pessoas atestam suas nunca igualadas qualidades.

Pedidos a **M. M. BURLE & CIA. LTDA.**
AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616

OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERÃO SER DADOS PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309

COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 - S. Paulo
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

O CINEMA FRANCÊS...

(Continuação da pág. 7)

Existe uma parte da produção francesa dos anos de após guerra que não será distribuída comercialmente no Brasil. E isso constitui uma grande injustiça, pois são filmes de valor artístico incontestável, mas inocentes demais, para atrair as atenções dos exibidores interessados em escândalos. Algumas dessas películas estiveram algum tempo no Rio de Janeiro, em cópias de 16 mm, quando pudemos assisti-las. E no próximo número analisaremos algumas delas, pois julgamos do interêsse do público informar algo sôbre essas pequenas obras-primas que não são conhecidas por culpa dos distribuidores.

GALERIA DOS FANTASMAS E...

(Continuação da pág. 13)

rido mal-assombrado», onde sòmente Constance Bennet aparecia, e a «Volta do fantasma», onde Joan Blondell substituía Constance Bennett.

Na peça teatral de Noel Coward, «Uma mulher do outro mundo», filmada por Davin Lean, com Constance Cummings no papel-título, o fantasma em questão é tìpicamente americano, um fantasma moderno e sedutor; nada de gemidos ou correntes arrastando...

O cinema francês não tem sido muito pródigo em fantasmas. Só nos lembramos de dois. O de «Silvia e o fantasma», galante e refinado, francês cem por cento; e o velho Jules, de «Valente a muque», uma comédia com Fernandel, que arrastava seu reumatismo e sua perna de pau pelos corredores e subterrâneos sem fim do castelo, à procura da espôsa que êle enterrara picadinha nalgum fosso perdido.

Êsses são alguns dos atores que foram monstros ou fantasmas, causando-nos hilariedade ou gelando-nos de mêdo, o que não deixa de ser divertido. Aqui deixamos nosso agradecimento, por essas horas de esquecimento que passamos em sua companhia.

PÁGINA DO LEITOR

(Continuação da pág. 33)

A lei 801 veio aumentar a fase de progresso de nossa cinematografia, porquanto aumentou também o número de nossas peliculas, que terão suas exibições garantidas, bastando que reunam as qualidades mínimas para serem taxadas com o rótulo de Boa Qualidade por nossa censura.

Se o número de nossas fitas foram acrescidas, as suas qualidades também sofrerão um acréscimo, pois apareceu entre os produtores, a concorrência, e esta é a que impulsiona uma indústria.

E a "realidade do cinema nacional" é comprovada pelos prêmios recebidos recentemente pelas nossas películas exibidas em festivais internacionais.

Luis Bonifácio (Belo Horizonte)

"ESTA NOITE CHOVEU PRATA"

De passagem por esta cidade tivemos o "grande" Procópio Ferreira, que nos apresentou quatro espetáculos, sendo o ponto alto "Esta noite choveu prata", de Pedro Block, peça essa ainda inédita na capital da República. Nesta peça Procópio nos dá uma soberba interpretação em três papéis diferentes: o português Francisco Rodrigues; o italiano Pietro Bonardi e o ator envelhecido Camilo. Neste último Procópio nos oferece os melhores momentos da peça suplantando tudo qaúnto êle já fêz antes. Procópio está impecável. Êle nos informou que apresentará "Esta noite choveu prata" ainda êste ano em São Paulo mas, no Rio de Janeiro, só o ano que vem. Assim amigos cariocas aguardem, para o ano, o grande espetáculo que Procópio vos promete: Esta noite choveu prata". Os amantes do teatro não devem perder, principalmente os verdadeiros fãs da arte de Thalma.

Olavo Macedo de Freitas (Alegrete)

AS AVENTURAS DE ERROL FLYNN

"Iniciou sua carreira no cinema com o filme "In the Wake of Bounty", consagrou-se depois pelos seus desempenhos em "Capitão Blood" e "A Carga da Brigada Ligeira", notabilizando-se como "mocinho". Além dos citados, dentre os seus êxitos podemos citar: "Gavião do Mar", "As Aventuras de Robin Hood", "As Aventuras de Dom Juan". O seu mais recente filme é "Contra Tôdas as Bandeiras", onde aparece ao lado da linda Maureen O'Hara".

Silvio Machado Vieira

O CINEMA BRASILEIRO JÁ E' UMA REALIDADE

"O Cangaceiro" tem a seu favor um argumento vivo, pujante, cuja ação se desenrola nas caatingas. Focaliza aspectos do cangaço em tôda sua extensão e brutalidade. "Sinhá Moça" tem também um enrêdo de grandes proporções e bastante emocionantes: os dias memoráveis de luta pela abolição.

Lauro Maaos Sá

DISCOS-NOVIDADES

(Cont. da pág. 27)

Entre os «ten top tunes» americanos do mês, ao lado de «Moulin Rouge» e ainda do tema de «Luzes da Ribalta», classificaram-se duas canções italianas. Uma, interpretada por Rosemarie Clooney, a nova espôsa do ator José Ferrer, é um velho sucesso italiano de há quase dez anos: «Ba-ba-baciami piccina» (be-be-beija-me, garôta); a outra, é «Anna», do filme homônimo de Lattuada, cantada por Silvana Mangano. «Anna» é a terceira canção que, nos últimos anos, foi vendida em seis meses, para mais de um milhão de cópias. A canção «Anna», na Itália mais conhecida sob o título «Ei bayonne», foi adaptada, especialmente para Silvana Mangano, pelo pianista Armando Trovajoli, sôbre um ritmo popular brasileiro, «El negro zumbon».

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº......
NOME..............................
RUA......................... Nº.....
CIDADE............................
ESTADO............................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

GRÁTIS

EM CADA 10 LIVROS, VOCÊ GANHA 1 GRÁTIS!

191. A CURA DA IMPOTÊNCIA SEXUAL — Livro escrito por autoridade no assunto. Cr$ 20.

61. ELETRICIDADE DO AUTOMÓVEL — A parte elétrica num carro é das mais importantes e a causa de inúmeros enguiços. Cr$ 15.
137. HABILIDADES E PROEZAS DA JUVENTUDE — Tôda a espécie de acrobacias, ginásticas, maneiras de laçar, diversões, ventriloquismo. Jiu-jitsu, conhecimentos úteis. Cr$ 15.
138. ENGUIÇOS DO AUTOMÓVEL, explicados de maneira fácil e com ilustrações. Como consertar. Cr$ 15.
169. ANEDOTAS ESCOLHIDAS do repertório brasileiro e internacional. Cr$ 15.

170. APRENDA A DANÇAR sem mestre. Método fácil que permite até ao mais errado aprender com relativa rapidez os passos iniciais da dança. Muito ilustrado, método moderno com os esquemas dos pés sôbre o assoalho. Cr$ 15.

184. A. Poe — O DUPLO ASSASSINATO DA RUA MORGUE — A mais interessante obra policial publicada até hoje. Cr$ 10.
185. CONTOS DO VIGÁRIO, PULO DOS NOVE, Etc. — Aprenda a conhecer os "golpes" da malandragem, e como se defender dêles. Cr$ 15.
186. VOCÊ SABE CONVERSAR? Meios fáceis de melhorar o "bate-papo" — Quem quer ser relacionado precisa melhorar. Cr$ 15.
187. GUIA DE MASSAGENS — Especialmente aplicada aos esportes. O livro tem tôda a teoria de massagem ilustrada. Cr$ 15.

ROMANCES APAIXONANTES

240. B. Guimarães — A ESCRAVA ISAURA
248. Feuillet — ROMANCE DE UM MOÇO POBRE. Cada um Cr$ 10.

1001 INFORMAÇÕES ÚTEIS

Obra em 2 volumes completíssimos, contém conhecimentos sôbre promissórias, vendas, aval, contratos, cheques, dinheiro, hipotecas — enfim tudo que pode interessar a você.
1.º vol. N. 192 Cr$ 15.
2.º vol. N. 247 Cr$ 15.

199. HOMEOPATIA PARA TODOS — Livro completo que traz as indicações dos remédios, para cada doença. Cr$ 15.
219. 500 TESTES DE PORTUGUÊS. Passados em concursos oficiais e com suas soluções. Cr$ 15.
220. LIVRO DE BOLSO PARA ENFERMEIROS — Detalhadamente as técnicas de curativos mais comuns em tôdas as emergências. Cr$ 15.

ROMANCES DO RIO ANTIGO
De J. M. Macedo
Deliciosos Romances Cariocas

227. A MORENINHA
228. O MOÇO LOIRO
274. A NAMORADEIRA
243. AMORES DE UM MÉDICO
273. UMA PAIXÃO ROMÂNTICA
Cada um apenas Cr$ 10.

230. COMO SE FIZERAM AS GRANDES FORTUNAS — A história dos Rockefeller, Rothschild, Morgan, Nobel, Ford, Disraeli, Carnegie, Krupp, Kaiser e Matarazzo. Cr$ 15.
233. FOTOGRAFIA PARA PRINCIPIANTES Cr$ 15.
234. MANUAL DO FOTÓGRAFO AMADOR Cr$ 15.

236. MÉTODO DE CORTE E COSTURA SEM MESTRE — Útil, ilustrado, prático, cheio de moldes, figuras e sugestões. Cr$ 15.

242. DICIONARIO DE SINÔNIMOS — Muito autorizado, grande número de verbetes. Cr$ 15.
253. AS LEIS TRABALHISTAS SIMPLIFICADAS — Agora você pode conhecer os seus direitos, pois êste livro é escrito em linguagem muito fácil. Cr$ 15.
258. RACHA-COCOS ou QUEBRA-CABEÇAS PARA SABIDOS — Magnífica seleção de charadas e passatempos que não são sopa. Cr$ 10.
260. GUIA DO CRACK — Técnicas e táticas para melhorar o seu jôgo de futebol. Cr$ 15.
263. MANUAL DO ESCOTEIRO — Tudo que o escoteiro precisa, regras, jogos, conselhos, etc. Cr$ 15.

272. GUIA PRATICO PARA CRIAR O BEBÊ Desde os preparativos para receber o bebê, a sua alimentação, amamentação, doenças, remédios, e tudo o mais necessário até aos 6 anos. Cr$ 15.

3. FELICIDADE SEXUAL NO CASAMENTO — Crenças e Superstições. Técnicas, Manual Amoroso. Posições Modernas. Travesti. Sadismo e Mazoquismo. Fetichismo. Exibicionismo, Fellatio. Pederastia. Cr$ 15.
4. COSTUMES SEXUAIS ESTRANHOS — Desviados Sexuais. Modos de Expressão Sexual. Por que há homossexuais? Necrofilia. Travesti. Nudismo e Sexo. Pervertidos. Cr$ 15.
5. GUIA ÍNTIMO DA SEXUALIDADE — Um manual prático sôbre a intimidade e a técnica do ato sexual. Cr$ 15.
6. VIGOR SEXUAL — Como adquirir. Como aumentar e como conservar a virilidade. Cr$ 20.
7. DICIONARIO MODERNO DE SEXO E AMOR — Todos os assuntos analisados e explicados. Cr$ 15.
87. MÉTODOS PARA LIMITAR OS FILHOS — Científicos. Práticos, Eficientes, Modernos. Cr$ 20.

ROMANCES DE EMILE ZOLA
As melhores obras do mestre do realismo francês; sexo, crime, paixões, amores sublimes.

180. NANA — 215. A BÊSTA HUMANA — 269. TERESA RAQUIN — 65. O BANHO — 208. A TABERNA — 261. GERMINAL.
Belas capas, formato uniforme. Cada volume apenas Cr$ 10.

174. MANUAL DA VIDA SEXUAL — Os órgãos sexuais. Os hormônios. O defloramento. O ato sexual. O homem impotente. A mulher fria. Posições. E tudo mais da vida sexual. Cr$ 20.
190. REGRAS OFICIAIS DE FUTEBOL — Livro muito completo e atualizado. Cr$ 15.

ROMANCES FAMOSOS — Livros que além de prenderem a atenção precisam ser lidos por qualquer pessoa que tenha pretensão de ser culta.

270. Balzac — A MULHER DE 30 ANOS
245. Dostoiewski — O JOGADOR
207. Dostoiewski — CRIME E CASTIGO
179. Sienkiewichz — QUO VADIS
181. O. Wilde - O RETRATO DE DORIAN GRAY.
195. Flaubert — MADAME BOVARY
229. Dumas — A DAMA DAS CAMÉLIAS
210. V. Hugo — O HOMEM QUE RI
216. Gauthier — MADEMOISELLE DE MAUPIN.
266. Bronte — MORRO DOS VENTOS UIVANTES.
250. Prevost — MANON LESCAUT
254. S. Pierre — PAULO E VIRGÍNIA
255. C. Bronte — JANE EYRE
265. Austen — ORGULHO E PRECONCEITO
275. Merimé — AMORES DE CARMEM
289. Warin — ROMEU E JULIETA
293. Lamartine — GRAZIELA
285. Spielhagen — A VIÚVA ALEGRE
Cada um Cr$ 10.

164. TESTES DE MASCULINIDADE E FEMINILIDADE — Existem em tôdas as pessoas caracteres sexuais do homem e da mulher. Tudo é uma questão de porporção. O que você é: Mais homem ou mais mulher Cr$ 15.
172. TEORIA E PRATICA DO EXISTENCIALISMO — Você sabe o que é existencialismo? Cr$ 15.
182. REGRAS PARA VENCER NA VIDA — Interesantíssimo e útil. Livro de sucesso absoluto. Você pode ser um vencedor. Cr$ 15.

206. AS AMANTES DO IMPERADOR — A vida íntima e os romances e as mulheres de D. Pedro I. Cr$ 10.
GRANDES CORTESÃS — As mais famosas libertinas da História. Frinéia, Messalina, Teodora, Lucrécia Bórgia, Pompadour, Du Barry e Lola Montes. Um grande escritor, De Kock nos conta as intimidades de seus casos de amor.
1.º vol. N. 178 - Cr$ 15. — 1.º vol. N. 217 - Cr$ 15.

209. É FACIL GANHAR DINHEIRO — Princípios, conselhos, fórmulas para aumentar a renda. Cr$ 15.

211. REGRAS E COMENTARIOS DE BASQUETEBOL — Útil, completo, ilustrado, autorizado. Cr$ 15.
212. LEVANTAMENTO DE PÊSO — Princípios, regras e conselhos.
213. O CASAMENTO E SUAS FORMALIDADES, legais, sociais e religiosas. Manual completo. Cr$ 15.

ROMANCES DE AVENTURAS

223. A. Dumas — O CONDE DE MONTE CRISTO Cr$ 10.
232. Escrich — HISTÓRIA DE UM BEIJO Cr$ 10.
249. Ohnet — O GRANDE IDUSTRIAL Cr$ 10.
251. Dumas — A MÃO DO FINADO Cr$ 10.
252. Stevenson — A ILHA DO TESOURO Cr$ 10.

145. VENÇA A TIMIDEZ SEXUAL — O Mêdo é o principal espantalho da satisfação sexual. Aprenda a dominar o mêdo do sexo. Cr$ 20.
94. A SANTA CRUZ DE CARAVACA — Tesouro de Orações de grande virtude e eficiência, para curar as doenças, contendo também grande número de práticas, feitiços e encantamentos. Cr$ 15.

147. MÉTODOS PARA HIPNOTIZAR Cr$ 15.

A MELHOR COLEÇÃO DE LIVROS COM MODELOS DE CARTAS
20. SUGESTÕES PARA CARTAS DE AMOR Cr$ 15.
21. MANUAL DE CORRESPONDÊNCIA AMOROSA Cr$ 15.
162. FORMULARIO DE CORRESPONDÊNCIA SOCIAL Cr$ 15.
163. MODELOS DE CARTAS SENTIMENTAIS Cr$ 15.
143. MODELOS DE CARTAS COMERCIAIS Cr$ 15.
237. GUIA DE REDAÇÃO OFICIAL Cr$ 15.
90. MODELOS DE CARTAS PARA TODOS OS FINS — 1.º volume Cr$ 15.
257. MODELOS DE CARTAS PARA TODOS OS FINS — 2.º volume. Cr$ 15.
Estes dois últimos são acompanhados de uma série de conselhos úteis para tôdas as modalidades de correspondência.

22. QUEBRA-CABEÇAS, MAGICAS E PASSATEMPOS — Os princípios mais fáceis, os truques realizados sem aparelhos, é ótimo para se iniciar. Cr$ 15.
27. FALA E ESCREVE CORRETAMENTE A TUA LÍNGUA — O manual mais prático, que ensina com grande facilidade os princípios essenciais para bem escrever o português. Cr$ 15.

JOSÉ DE ALENCAR — A MAIS BELA COLEÇÃO DO GRANDE ROMANCISTA A PREÇOS ACESSÍVEIS

CADA UM APENAS CR$ 10.

300. O GUARANI — 222. IRACEMA — 256. O TRONCO DO IPÊ — 224. UBIRAJARA — 225. DIVA — 226. A VIUVINHA — 239. LUCÍOLA — 241. SENHORA — 238. A PATA DA GAZELA.

Todos em formato igual. Bela coleção, lindas capas.

36. MANUAL DO MOTORISTA — Todo ilustrado, útil e prático. Princípios gerais, Mecânica, Tráfego. Cr$ 15.
66. PROBLEMAS SEXUAIS DOS SOLTEIROS — Desde a adolescência até à maturidade. Relações sexuais entre pessoas não casadas. Cr$ 15.
67. ESTIMULANTES SEXUAIS — Proibidos e Permitidos — O que há de verdadeiro ou falso. Cr$ 15.
68. O LIVRO DAS MAGICAS — Livro muito ilustrado, ensina com facilidade os truques desta arte. Cr$ 10.
69. TIRA-DÚVIDAS DE PORTUGUÊS — Em forma de dicionário, as principais e mais comuns dúvidas de português. Cr$ 15.

RECEITAS GOSTOSÍSSIMAS PRATOS DELICIOSOS

86. A COZINHA NORTISTA Cr$ 10.
79. A COZINHA FRANCESA Cr$ 10.
83. A COZINHA ITALIANA Cr$ 10.
85. A ARTE DE FAZER DOCES Cr$ 15.
221. PRATOS ECONÔMICOS E SABOROSOS Cr$ 10.

64. GRAFOLOGIA PRATICA — Aprenda a conhecer o caráter das pessoas, pela letra e maneira de escrever. Cr$ 15.
78. TESTES DE INTELIGÊNCIA — Útil e agradável, testes usados em concursos, boa distração. Cr$ 10.
89. VOCABULARIO ORTOGRAFICO DE BOLSO — Feito por processo fotográfico do Vocabulário da Academia — Assim não tem erros de impressão. Cr$ 40.

91. ESTUDOS SÔBRE O AMOR Cr$ 15.
92. A CONQUISTA AMOROSA PELA APLICAÇÃO DA PSICOLOGIA SEXUAL — Ensina ao homem e à mulher os segredos da atração sexual Cr$ 15.
93. A ARTE E A TÉCNICA DO BEIJO Cr$ 15.

95. ANORMALIDADES SEXUAIS Cr$ 20.
125. PRATICAS SEXUAIS NO MATRIMÔNIO — O que é permitido, o que é proibido. Técnica de posições e relações sexuais. Cr$ 20.
126. PSICOSSEXUALIDADE — A influência do pensamento, do mêdo e de outros fatores sôbre o sexo Cr$ 20.
127. HABITOS SEXUAIS DO HOMEM — O Inquérito Kinsey sôbre o sexo faz revelações sensacionais sôbre comportamento sexual do homem Cr$ 20.

122. DISCURSOS PARA TÔDAS AS OCASIÕES — Grande variedade; apropriados para as mais diversas eventualidades, desde Batizados até Enterros, Celebrações, Festas, etc. Cr$ 15.
128. BIOGRAFIAS DE GRANDES ESCRITORES — Vidas romanceadas dos escritores célebres. Cr$ 15.

146. RADIO PARA PRINCIPIANTES — Ilustrado e fácil de entender. Cr$ 15.

ACEITAMOS AGENTES PARTICULARES NO INTERIOR.

VENDAS:

RIO:
AV RIO BRANCO, 25 e
RUA DO OUVIDOR, 150
SÃO PAULO:
RUA CONS. CRISPINIANO, 403
BELO HORIZONTE:
RUA DA BAHIA, 884
E em tôdas as "Lojas Brasileiras De Preços Limitados"
INTERIOR:
PEÇA PELO
REEMBÔLSO POSTAL.
ENVIANDO SEU PEDIDO, PELO TALÃO AO LADO, PARA O RIO

SENSUALIDADE em 4 volumes. Nesta série magnífica estão reunidas as mais belas páginas que descrevem o ato amoroso mais íntimo, com verdadeira arte. Autores de renome inatacável. Cada volume Cr$ 20.
1.º vol. N. 131 — 2.º vol. N. 132 — 3.º vol. N. 133 — 4.º vol. 134.

124. O QUE TODO HOMEM DEVE SABER PARA CONQUISTAR AS MULHERES — Técnica de aproximação, conversa, namôro, evolução, até a conquista final. Cr$ 20.
136. O QUE TÔDA MULHER DEVE SABER PARA CONQUISTAR OS HOMENS Cr$ 20

AS MELHORES POESIAS BRASILEIRAS

46. Castro Alves - ESPUMAS FLUTUANTES
121. Castro Alves - OS ESCRAVOS
142. Castro Alves - A CACHOEIRA DE PAULO AFONSO
60. Castro Alves - HINOS DO EQUADOR
175. Casimiro de Abreu - AS PRIMAVERAS
176. C. de Abreu - CANÇÕES DO EXÍLIO
84. Poesias de GONÇALVES DIAS
Cr$ 10 cada um

148. OS ENCANTOS DA MULHER NUA — Poesias escolhidas que descrevem a beleza e os segredos da mulher despida. Cr$ 15.
171. APRENDA A FAZER VERSOS Cr$ 15.
53. DICIONARIO DE RIMAS Cr$ 15.
129. JIU-JITSU SEM MESTRE — Livro muito ilustrado, com todos os golpes e contra-golpes. Cr$ 15.

141. APRENDA A DIRIGIR SOZINHO — Livro muito prático, cheio de figuras nas quais você pode começar a aprender como se dirige um carro. Cr$ 15
188. GUIA DO MECANICO DE AUTOMÓVEL Livro essencial a todos os possuidores de um carro e indispensável aos profissionais. Cr$ 15.

135. NATAÇÃO SEM MESTRE — Com figuras e esquemas de saltos e estilos de natação. Especialmente o "crawl" Cr$ 15.
139. ELIMINE SEU COMPLEXO DE INFERIORIDADE — E livre-se de amolações. Vença na vida. Cr$ 20.
140. A CARNE — Júlio Ribeiro — Um clássico da Literatura Brasileira. Cenas de realismo impressionante. Recorde de vendas. Cr$ 25.
149. REGRAS DE ETIQUETA SOCIAL — Um livro de boas maneiras e de comportamento em sociedade. Tudo que é necessário. Cr$ 15.
153. FÓRMULAS PARA GANHAR DINHEIRO — Grande quantidade de Fórmulas e receitas simples que permitem com facilidade a qualquer um a obtenção de lucros fáceis. Cr$ 15.
156. ASSIM SE EMAGRECE COMENDO — Princípios gerais para quem quer emagrecer. Receitas saborosas. Cr$ 15.

COCKTAIL DE PALAVRAS CRUZADAS — Magnífica coleção, por cruzadistas de renome. Belos desenhos. Problemas selecionados
COCKTAIL 1.º - N. 157 — 2.º - N. 279
3.º - N. 288 — 4.º - N. 100
Cada volume Cr$ 10,00 Todos os meses novos volumes nas Bancas de Jornais

158. APRENDA A FAZER MAGICAS — Todo ilustrado, ensino prático. Cr$ 15.
159. APRENDA A VIVER — Tenha uma nova visão do mundo. Um novo roteiro para sua vida A vida tem seus encantos, basta descobri-los e vivê-los. Cr$ 15.
160. ENFERMIDADES SEXUAIS — Aprenda a evitá-las e a curá-las. Cr$ 20.

APRENDA LÍNGUAS SEM PROFESSOR EM POUCOS DIAS, COM PRONUNCIA FIGURADA. LIVROS PRATICOS:
32. YES SIR - INGLÊS SEM MESTRE Cr$ 12.
24. ITALIANO SEM MESTRE Cr$ 12.
25. FRANCÊS SEM MESTRE Cr$ 12.
30. ALEMÃO SEM MESTRE Cr$ 12.
31. ESPANHOL EM QUADRINHOS Cr$ 12.

EDITORA GERTUM CARNEIRO S/A

Avenida Rio Branco, 25 — Dep 1-B - Rio Janeiro
Peço enviar pelo REEMBÔLSO POSTAL os livros, cujos números indico abaixo:

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

BASTA INDICAR O NÚMERO

NÃO MANDE DINHEIRO; OU SELOS. NADA ADIANTADO.
Nos pedidos abaixo de Cr$ 100,00, há aumento de 10%.
(Não temos catálogos)

NOME . . . .

RUA . . . .

LOCALIDADE . . . .

ESTADO . . . .

★ MEDICINA ★ MECANICA ★ AVIACÃO ★ ARQUITETURA ★ TESTES

O MAIS COMPLETO E EXATO RETRATO do MUNDO



1953
num desfile sensacional e empolgante

ROMANCES ★ TEATRO ★ CINEMA ★ CURIOSIDADES ★ CONTOS ★ NOVIDADES

★ AVENTURAS ★ EX-LIBRIS ★ QUEBRA-CABEÇAS ★ ESTATÍSTICAS ★

HISTÓRIA ★ LITERATURA ★ POLÍTICA ★ RELIGIÃO ★ CIÊNCIA ★ ASTROLOGIA